

# Contributos para o conhecimento da arte rupestre do Vale do Côa. Novos dados sobre o Vale de José Esteves (Vila Nova de Foz Côa, Guarda)

André Tomás Santos<sup>1,2</sup>, António Fernando Barbosa<sup>1</sup>, Luís Luís<sup>1,2</sup>, Marcelo Silvestre<sup>1</sup> e Thierry Aubry<sup>1,2</sup>

## o. Introdução

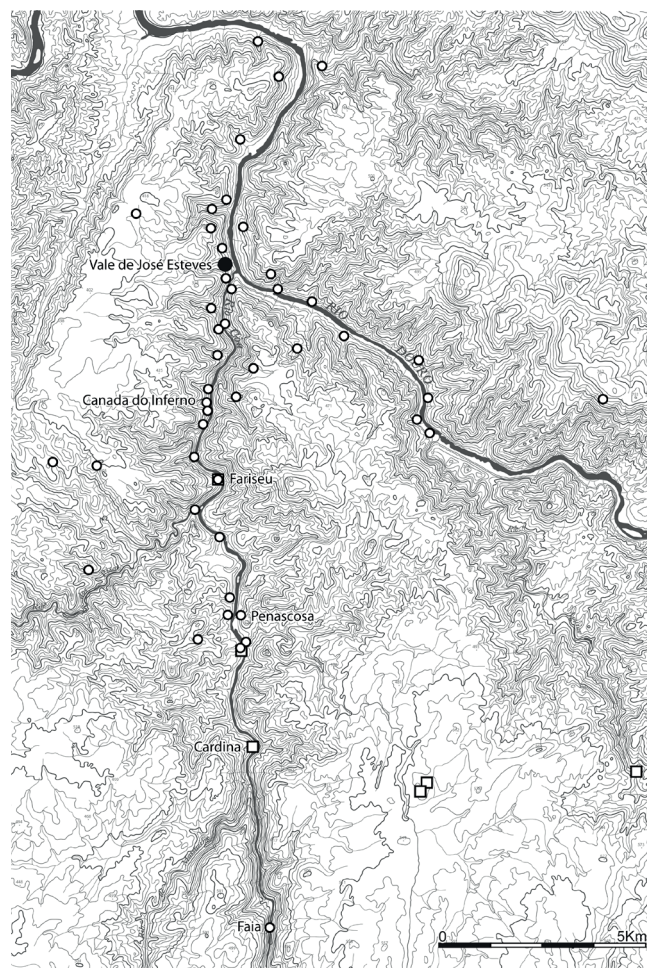
Os trabalhos que aqui se dão a conhecer foram realizados no âmbito do Projeto de Investigação Plurianual de Arqueologia (PIPA) *Do Neandertal ao Homem anatomicamente moderno no centro da Península Ibérica: simbolismo e redes sociais no Vale do Côa*. Na sua base encontra-se o projeto PALÆOCÔA – PTDC/EPH-ARQ/0326/2014, financiado pela FCT e pelo Programa de Operacionalidade e Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-016605). Os trabalhos de campo realizaram-se essencialmente entre os dias 9 e 26 de julho de 2018, tendo-se voltado ao sítio entre os dias 24 e 26 de setembro do mesmo ano para terminar detalhes<sup>3</sup>.

Pretendia-se com estes trabalhos concluir o registo da rocha 4 do sítio e, se possível, proceder ao das rochas 12 e 36. A escolha destas rochas deveu-se ao facto delas terem sido identificadas como as únicas do sítio com arte atribuível ao Magdalenense (Santos, 2019). Com este trabalho pretendia-se assim aumentar o fundo documental de grafismos atribuíveis a esta cronocultura de forma a dispormos de mais evidências que pudessem contribuir para: 1) caracterizar melhor a arte Magdalenense do Vale do Côa; 2) precisar o ciclo da arte paleolítica do Vale do Côa 3) comparar de forma mais consistente a arte magdalenense do Vale do Côa com

a de outras regiões peninsulares genericamente coeva e, desta forma, contribuir para uma melhor caracterização dos contactos com outras regiões da Península Ibérica durante esta fase final do Paleolítico Superior. Aproveitamos também esta ocasião para nos debruçarmos sobre os grafismos pós-paleolíticos identificados no espaço parietal C da rocha 4, cuja existência já estava sinalizada (Santos, 2019, 707), mas sobre os quais não se havia publicado qualquer consideração ou documentação gráfica.

## 1. O Vale de José Esteves na bibliografia arqueológica

O Vale de José Esteves (CNS 8457) é um dos 76 sítios com arte rupestre que se conhecem na região do Vale do Côa e um dos 49 que contêm figurações atribuíveis ao Paleolítico (**Fig. 1**). O sítio foi descober-



**Fig. 1: O Vale de José Esteves no contexto dos sítios com arte rupestre (círculos) e de ocupação (quadrados) paleolíticos do Vale do Côa.**

<sup>1</sup> Fundação Côa Parque, Rua do Museu, 5050-610 Vila Nova de Foz Côa

<sup>2</sup> UNIARQ, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa

<sup>3</sup> As rochas que aqui se publicam encontram-se na propriedade de António Fernando Lobão, a quem agradecemos a autorização para a realização dos trabalhos que aqui se dão conta.

to por João Félix e Manuel Almeida em 1994, tendo sido um dos primeiros a ser divulgado à comunidade científica, encontrando-se referido logo nas primeiras publicações de Nelson Rebanda, nelas se referindo já a existência no sítio de gravuras atribuíveis ao Paleolítico Superior e à Idade do Ferro (1995a, 8, 11, 14; 1995b, 12, 14-15).

O sítio é, desde essa altura, referido em vários trabalhos que se debruçam sobre a arte do Côa, revelando a sua leitura sequencial o acréscimo paulatino de rochas gravadas que vão sendo descobertas ao fio dos anos e que hoje totalizam o número de 70 (e.g. Baptista & Gomes, 1997, 214; Baptista, 1999, 19-21; Baptista, 2001, 238; Baptista & Reis, 2008a, 173-174; Reis, 2011, 121; 2013, 25-28).

Uma primeira descrição, muito breve, é publicada em 2002 (Baptista & García, 2002, 192). Em 2008, o sítio é descrito de forma mais aprofundada (Baptista & Reis, 2008a, 173-174) em texto onde se dá também a conhecer a existência de gravuras históricas e se integram no sítio, com os números 19 e 20, duas rochas previamente inventariadas como Alto da Bulha 1 e 2 (e.g. Baptista, 1999, 19, 21). O sítio volta a ser alvo de uma descrição em 2013 (Reis, 2013, 25-28) e de uma outra, centrada no seu conjunto Magdalenense, em tese de doutoramento defendida em 2017 e publicada em 2019 (Santos, 2017; 2019).

A importância do Vale de José Esteves para a compreensão da arte rupestre dos diversos períodos representados no Côa é comprovada pela apresentação de uma réplica da rocha 16 no Museu e pela sua inclusão recorrente em trabalhos que se debruçam sobre a generalidade da sua arte paleolítica (e.g. Baptista, 2009; 2012; Santos, 2012, 2015; 2017; 2019) ou da Idade do Ferro (Luís, 2008; 2009; 2016). O sítio é evocado também em textos que abordam aspetos mais específicos da arte rupestre regional, como sejam a animação na arte paleolítica (Luís, 2012), a evolução do tema do cervídeo ao longo da Pré e da Proto-história (Santos, Aubry & Walter, 2014), as técnicas de incisão entre o Paleolítico Superior e a Idade do Ferro (Aubry & Sampaio, 2012) ou sobre as causas naturais que podem estar a condicionar a distribuição atual da arte rupestre na região (Aubry, Luís & Dimmuccio, 2012; 2014-2015).

Em franco contraste com esta importância do sítio, são ainda poucos os decalques publicados das suas rochas gravadas. Estes resumem-se a alguns elementos soltos da Idade do Ferro, como sejam alguns motivos das rochas 7, 18 (Luís, 2016, 66) ou 19 (Baptista, 1999, 176-177, aí se publicando ainda como Alto da Bulha 1) e a alguns painéis de arte paleolítica, como sejam os painéis C e D da rocha 4 (Santos, Aubry & Walter, 2014, 45; Santos, 2015, 24), um painel isolado da rocha 19 (Santos, 2012, 721-722), a rocha 13 — da qual se publicou um painel em 2012 (Baptista, 2012, 231), tendo o decalque da totalidade da rocha sido publicado posteriormente (Santos, 2019, 710-716) —, a rocha 16 (Baptista, 2008, 22-31) e a rocha 17 (Santos, 2019, 721-722). O inventário do dispositivo rupestre destas rochas, a par da sua descrição, só aparece em tese de doutoramento defendida em 2017 (Santos, 2017, vol. II, 271-285) e publicada em 2019 (Santos, 2019, 707-722). É também nestes trabalhos que pela primeira vez se referem os dispositivos rupestres presentes nos painéis A, B, C e D da rocha 4 e nas rochas 12 e 36 do sítio (e.g. Santos, 2019, 299-301), sobre os quais incidiram os trabalhos de que aqui se dá nota.

## 2. Localização e caracterização do sítio

O Vale de José Esteves localiza-se no aro da freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa. O sítio encontra-se cartografado na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, encontrando-se a rocha 12, que ocupa uma posição central no conjunto das três sobre as quais incidiram os trabalhos, nas coordenadas geográficas 41° 05' 01,3" N, 7° 06' 23,6" O, à altitude de cerca de 155 m (Fig. 2).

O vale por onde se distribui o sítio apresenta uma orientação W.SW-E.NW e uma configuração meândrica, fruto da ação conjugada entre a tectónica regional, o substrato rochoso e a ação incisora da ribeira que o percorre. Esta nasce cerca do limite ocidental da Meseta ibérica, a cerca de 1 km para sudoeste do centro de Vila Nova de Foz Côa. Enquanto aí se encontra, a ribeira é praticamente inexpressiva, começando o vale a tornar-se mais evidente somente a partir do momento em que a ribeira deixa



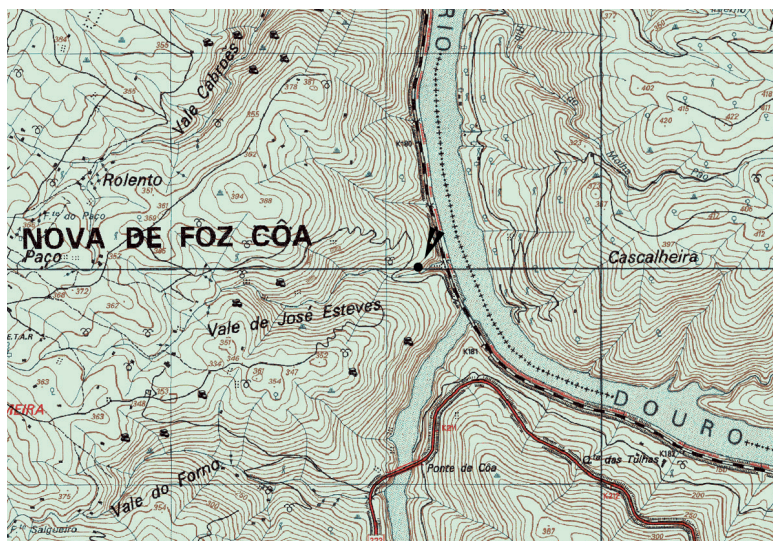


Fig. 2: Localização das rochas estudadas na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000.

o grande planalto ibérico para começar a descer até ao Douro (Fig. 3).

Do ponto de vista da biogeografia, o Baixo Côa e os pequenos afluentes do Douro que o circundam — como é o caso do Vale de José Esteves — fazem parte do superdistrito da Terra Quente, um dos que

compõem o sector Lusitano-Duriense da província Carpetano-Ibérico-Leonesa, caracterizado pelo ombroclima seco e pelos bosques mistos de sobreiro e zimbro (*Rusco aculeati*—*Querceteum suberis junipertosum oxycedri*) (Costa et al., 1998, 24). O fundo dos vales mais quentes e secos destaca-se pela aliança espargueiral-zambujal (*Asparagus albi*—*Rhamnion oleiodis*), hoje em grande parte substituída pelo olival (Costa et al., 1998, 24). A vegetação higrófila das linhas de água permanentes caracteriza-se pelos amiais da associação *Scrophulario*—*Alnetum glutinosae*, sendo comuns nas margens das temporárias os salgueirais arbustivos de *Salix pseudosalviifolia* (Costa et al., 1998, 24). Estas associações botânicas potenciais são as que, em grande medida, ainda se identificam no Vale de José Esteves, faltando acrescentar ao olival, o amendoal e até algum laranjal pontual. Deve ainda acrescentar-se a densidade de cana-do-reino (*Arundo donax*) e de silvas de amora silvestre (*Rubus fruticosus* L.) junto à linha de água, o que, associado

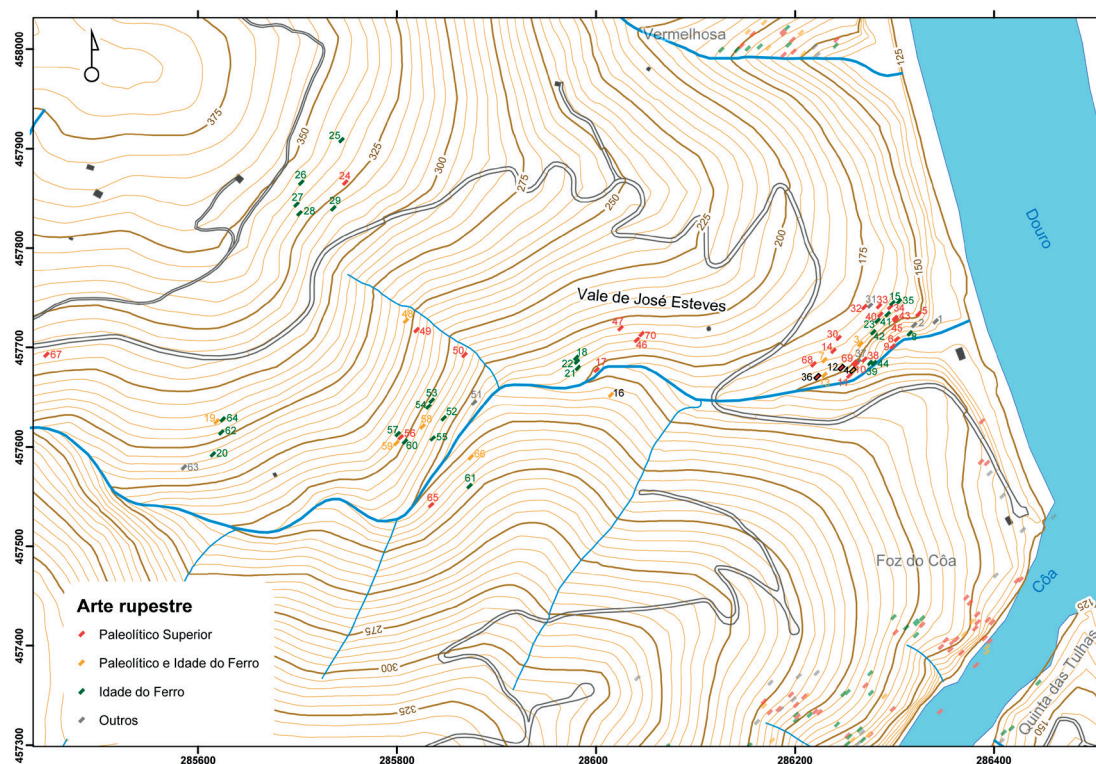


Fig. 3: Distribuição das rochas gravadas pelo Vale de José Esteves, encontrando-se destacadas as que foram estudadas no âmbito da nossa campanha.



à topografia acidentada, dificulta a circulação pelo sítio e o acesso a algumas das rochas gravadas, designadamente à rocha 36 e, em menor medida, à 4. O substrato rochoso corresponde a filitos da Formação de Desejosa (Ribeiro, 2001, 13), cujos afloramentos apresentam diáclases verticais e subverticais com orientações dominantes SW-NE, fruto da tectónica (**Fig. 3**). Consequentemente, as diáclases da vertente esquerda orientam-se para SE e as da direita para NW. Todas as gravuras atualmente conhecidas no Vale de José Esteves encontram-se neste tipo de superfícies – 66 na vertente esquerda, em diáclases expostas a SE e apenas 4 na vertente direita, em diáclases expostas a NW. Como foi demonstrado em devida altura, esta desproporção dever-se-á ao facto das superfícies orientadas para NW serem muito mais afetadas pela erosão que as que se orientam para SE (Aubry, Luís & Dimuccio, 2012; 2014-2015).

A distribuição de rochas gravadas ao longo do vale também não é uniforme, encontrando-se, desde logo, dependente da afloração dos suportes e, em particular, da ocorrência de um *toppling* em massa do substrato rochoso, numa importante área, que determina a indisponibilidade de diáclases para gravação (Aubry, Luís & Dimuccio, 2012). Tendo em conta os critérios previamente definidos (Santos, 2019, 52), distinguimos no sítio seis *loci* com diferentes concentrações de painéis gravados. Estes *loci*, que numeramos de montante para jusante (**Fig. 3**), correspondem sensivelmente aos “cinco grandes grupos de distribuição de rochas conhecidas” definidos por Mário Reis para o sítio (Reis, 2013, 26), agrupando este autor no mesmo conjunto as rochas que compõem os nossos *loci* 1 e 2. Tendo em conta a distribuição de rochas pelas duas margens da ribeira nos *loci* 4 e 5, consideramos ainda a existência de duas zonas (cf, Santos, 2019, 52) em cada um destes casos.

As rochas sobre as quais incidiram os nossos trabalhos localizam-se no *locus* 6 (**Fig. 3**), o mais denso de

todos, encontrando-se os painéis estudados a distâncias muito reduzidas entre si — a rocha 12 a 25 m para és-nordeste da 36 e a 4 a 11 m para sudeste da 12. As rochas encontram-se já perto da base da vertente mas, ainda assim, o acesso atual à água não é fácil dados os acentuados declives, a topografia acidentada e, como referido acima, a densidade da vegetação deste sector do vale (**Foto 1**).



**Foto 1: Localização das rochas estudadas na vertente noroeste do Vale de José Esteves. Observa-se, da esquerda para a direita, as rochas 36 (por trás das canas que aparecem na foto), 12 e 4.**

### 3. Métodos e estratégias de estudo

O dispositivo rupestre das rochas 4, 12 e 36 foi documentado pelo método do decalque direto, tendo este registo sido ainda complementado pela fotografia noturna e diurna dos respetivos painéis.

A opção pelo decalque direto prende-se com a reduzida visibilidade de uma grande parte dos traços incisivos que conformam as unidades gráficas destes painéis, o que não facilita o seu registo por meio de métodos indiretos. A pouca visibilidade das figuras, resultante essencialmente da técnica utilizada para a sua gravação, é ainda mais intensa no caso do painel esquerdo da rocha 36, cujo sector superior se encontra coberto por uma película calcítica. Deste modo, se queremos registar o dispositivo sem que se perca a relação das unidades gráficas entre si e entre estas



e o seu suporte, o decalque direto parece-nos ainda a forma mais eficaz e expedita de o conseguir. Por outro lado, algumas limitações do método, como sejam a deformação das figuras devido à volumetria dos suportes, não se coloca neste caso, uma vez que estes painéis são direitos.

Antes dos trabalhos de registo, procedeu-se à limpeza da vegetação da área envolvente (**Foto 2**) e das superfícies a registar. Na limpeza destas últimas utilizou-se apenas água, que foi aplicada com uma escova não abrasiva.



**Foto 2: Aspeto dos trabalhos de limpeza efetuados na zona fronteira da rocha 36.**

O decalque foi efetuado sobre tela de polivinilo transparente de 0,08 mm de espessura e com uma largura máxima de 90 cm de forma a permitir a sua digitalização na plotter sem ser necessário o seu corte. Foram utilizadas diferentes canetas de tinta permanente. Estas variaram entre a cor vermelha (para registar todos os elementos naturais, litologia, fissuras, ...), o negro (para registar os traços de natureza antrópica) e o verde (para indicação de informações complementares). Foram igualmente utilizadas pontas de diferentes espessuras. Assim, as vermelhas de espessura 1 foram utilizadas para representar os limites dos painéis e as 0,5 para as fissuras, tendo-se ainda utilizado outros recursos gráficos (como tramas) para indicar a existência de interrupções do suporte resultantes, por exemplo, da existência de microcavidades ou de perda de placas. A espessura das pontas negras variaram entre os 0,18 mm e os 0,4 mm, dependendo a sua utilização da espessura dos traços e/ou da sua densidade.



**Foto 3: Aspeto dos trabalhos de decalque do espaço parietal A da rocha 4.**

Os trabalhos de decalque foram realizados exclusivamente em período noturno (**Foto 3**) de forma a possibilitar o recurso à iluminação artificial. Esta deve ser direcionada de forma rasante e perpendicularmente ao eixo principal do traço que se quer reproduzir. Para a execução deste trabalho foram utilizados focos de led com um valor de saída de 260 lux. Antes da retirada da tela da superfície do painel, foi desenhada uma linha reta horizontal com recurso a nível de bolha, de forma a poder orientar o decalque em gabinete. Foram ainda registadas na tela as seguintes informações: a identificação do painel, dos autores do decalque e dos dias ao longo do qual este se realizou. De forma a poder relacionar entre si os vários decalques do mesmo painel ou de painéis contíguos, desenharam-se miras que devem ser identificadas com o mesmo “id” nos pontos de ligação dos diferentes decalques.

Com a fotografia pretende-se registar os diversos momentos do trabalho, o enquadramento das rochas estudadas no sítio e detalhes das figuras. Dependendo dos objetivos, estas são tiradas durante o dia ou durante a noite, com recurso a iluminação artificial. De particular importância são as vistas globais das rochas com múltiplos painéis situados em diversos planos e/ou a consideráveis distâncias entre si. São estas fotos que nos permitirão, em gabinete, proceder ao posicionamento dos painéis nos afloramentos respetivos (cfr. Figs. 4 e 10). De facto, se os painéis são, como dissemos atrás, diretos, estes podem não só encontrar-se distantes

uns dos outros na mesma rocha, como também em diferentes planos, fruto, designadamente, dos processos de *toppling*.

No gabinete, as telas de polivinilo são digitalizadas a 300 dpi numa *plotter* de grandes formatos. Posteriormente, já em ambiente digital, os painéis são remontados e orientados, recorrendo-se para tal às linhas horizontais e miras desenhadas nas telas. Após este processo, os decalques são vetorizados em programa de desenho. No caso das rochas com múltiplos painéis, procede-se ainda ao desenho vetorial das fotos das mesmas, posicionando-se aí em seguida os desenhos previamente vetorizados dos seus painéis.

Durante a vetorização são agrupados entre si os traços que conformam cada uma das unidades gráficas, procedendo-se ainda à identificação de cada uma das figurativas e à distribuição por chaves das não figurativas. Estas são posteriormente repartidas pelas unidades figurativas a que se associam.

A identificação de cada uma das figuras acima referidas corresponde ao seu número de inventário. Este corresponde a um código que permite identificar não só o motivo em si, como o sítio e a rocha onde se encontra (Santos, 2019, 54-55). JE36-01, por exemplo, corresponderá à unidade figurativa 01 da rocha 36 do Vale de José Esteves. As unidades não figurativas são apenas isoladas e classificadas segundo a tabela proposta por Sauvet & Włodarczyk (1977), complementada por algumas adições que permitem a inclusão de todas as formas identificadas no Vale do Côa (Santos, 2019, 61, fig. 2.4).

Na descrição dos animais que em seguida se apresenta adotamos os mesmos critérios já enunciados em outras circunstâncias (Santos, 2019, 55). Deste modo, os termos anatómicos, assim como os referentes topográficos e de direccionalidade são os preconizados nos *Nomina Anatomica Veterinaria* (ICVGAN, 2012). Na descrição dos cavalos tivemos ainda em conta a terminologia tradicional portuguesa (Cid, 1999) e na das cabras-monteses a das cabras domésticas (Serra, 1979). Para os cervídeos, adotámos os termos preconizados nos NAV para os bovídeos, a que se acrescentou a terminologia específica das hastes (Barroso & Rosa, 1999). Os

termos a que recorremos para a caracterização das figuras são os propostos por Leroi-Gourhan (1984, 134-135).

## 4. Descrição das rochas estudadas

### 4.1. Rocha 4

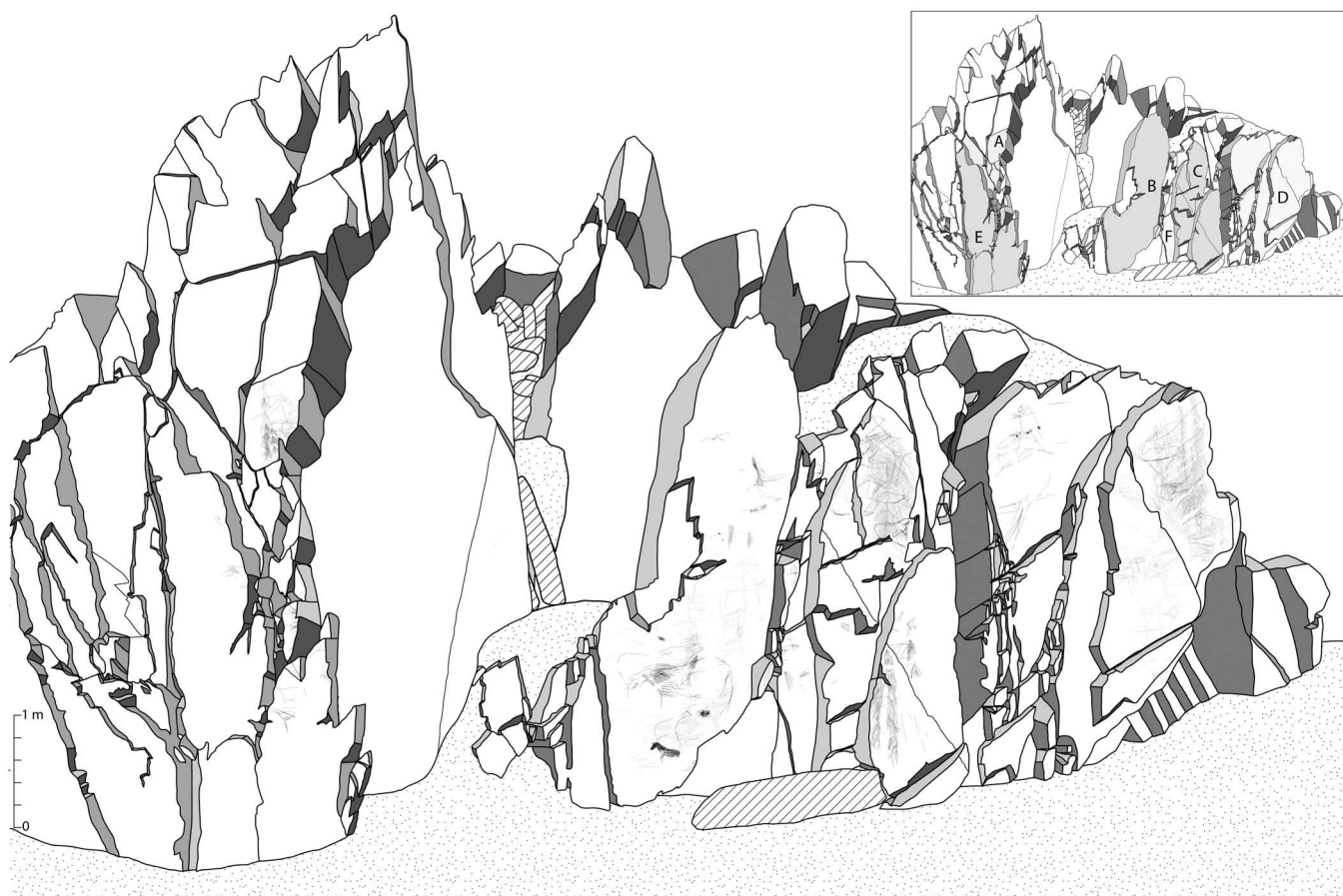
Localiza-se a cerca de 5 m acima do leito da ribeira, a uma altitude de 147 m. Trata-se de um amplo afloramento com uma variedade cromática entre o cinzento e o castanho (**Foto 4**). O afloramento apresenta-se bastante alterado devido essencialmente a processos de *toppling* e perda de placas (Fig. 4, Foto 4). Esta morfologia acidentada do suporte condicionou a disposição do espaço gráfico, adaptando-se as composições identificadas à topografia particular do suporte. Por outro lado, os processos naturais que vão condicionando a morfologia do suporte não se interromperam após a conclusão do dispositivo aqui presente, tendo causado mesmo a destruição de composições de que hoje só nos restam alguns parcos testemunhos e, muito provavelmente, de outras, que desapareceram totalmente (**Fig. 4**).

A morfologia complexa do suporte levou-nos a dividi-lo em cinco sectores distintos (identificados como espaço parietal A, B, C, D, E) dos quais já se descreveram duas composições e se aludiu a parte do repertório de outros três (Santos, 2019, 299-302; 707-710). Os trabalhos desta campanha vieram a revelar uma realidade mais complexa, tendo sido possível identificar-se na rocha outros painéis. De forma a facilitar a descrição, mantemos a nossa divisão em



**Foto 4:** Vista frontal da rocha 4 do Vale de José Esteves (obtida sensivelmente de sudeste).





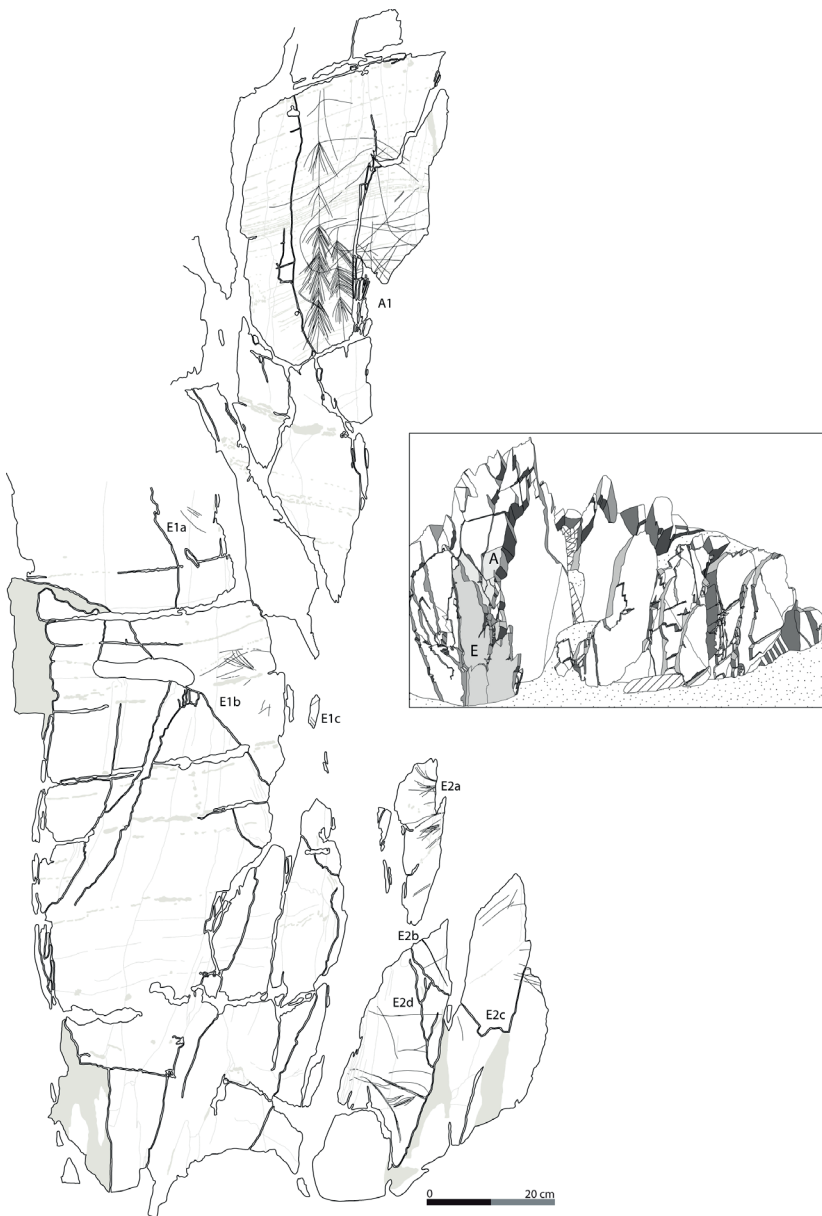
**Fig. 4:** Localização das diferentes composições estudadas na rocha 4 do Vale de José Esteves (desenho efetuado sobre foto). Em cima, à direita, esquema com a identificação dos diferentes espaços parietais isolados na rocha.

Estes não coincidem exatamente com os propostos em trabalho anterior, desde logo porque o número de painéis gravados aumentou. As diferenças prendem-se com a ampliação dos espaços parietais C e D para outros painéis, com a inclusão do anterior espaço parietal E no D e com a criação de dois novos espaços parietais. Como não alterámos a identificação dos espaços parietais que contém composições já descritas, a sequência alfabética com que são nomeados não tem um correlato no seu posicionamento na rocha (**Fig. 4**).

**Espaço parietal E (Fig. 5):** Neste plano de diáclase identificaram-se vários painéis por onde se distribui o dispositivo rupestre. Em cima, à esquerda, observa-se uma primeira composição, distribuída por dois painéis (E1a e E1b) na qual apenas se identificaram unidades gráficas não figurativas incisas. Isolaram-se duas formas angulares (uma da chave

IXa e outra da IXb), e oito lineares, duas delas simples (da chave XIa), uma organizada em par (XIb) e uma em feixe (XIc). Em pequena superfície localizada à direita deste painel e que corresponde ainda ao mesmo plano de diáclase (E1c) observa-se ainda três traços incisos, dois deles formando um par. Podem assim considerar-se como uma unidade da chave XIa e outra da XIb, mas o elevado estado de destruição desta superfície não nos permite ser seguros quanto a isto.

Mais abaixo, à direita, localizam-se outros painéis onde se observa vários traços incisos. Parte destes traços encontram-se interrompidos à direita devido à fratura do suporte, sendo impossível perceber se este conjunto faria parte da mesma composição. Num primeiro painel localizado acima dos restantes encontram-se os primeiros traços. A fragmentação do suporte não permite avaliar com o rigor necessário a sua natureza. Tendo em conta a sua forma



**Fig. 5: Decalque dos espaços parietais A e E da rocha 4 e respetiva localização no afloramento rochoso.**

atual, isolaram-se 12 unidades não figurativas, dez delas lineares – três simples (chave XIa), um par (chave XIb), três feixes (chave XIc), uma banda (chave XId) e duas sinuosas (chave XIIIb) — e duas angulares (chave IXa).

Abaixo encontra-se outro painel (E2b) com duas unidades não figurativas lineares (uma da chave XIa e outra da XIb) cruzadas ao centro. Para a direita encontra-se outro painel (E2c), também fraturado à direita, o que condiciona igualmente a caracterização das incisões interrompidas. Na sua forma atual, é

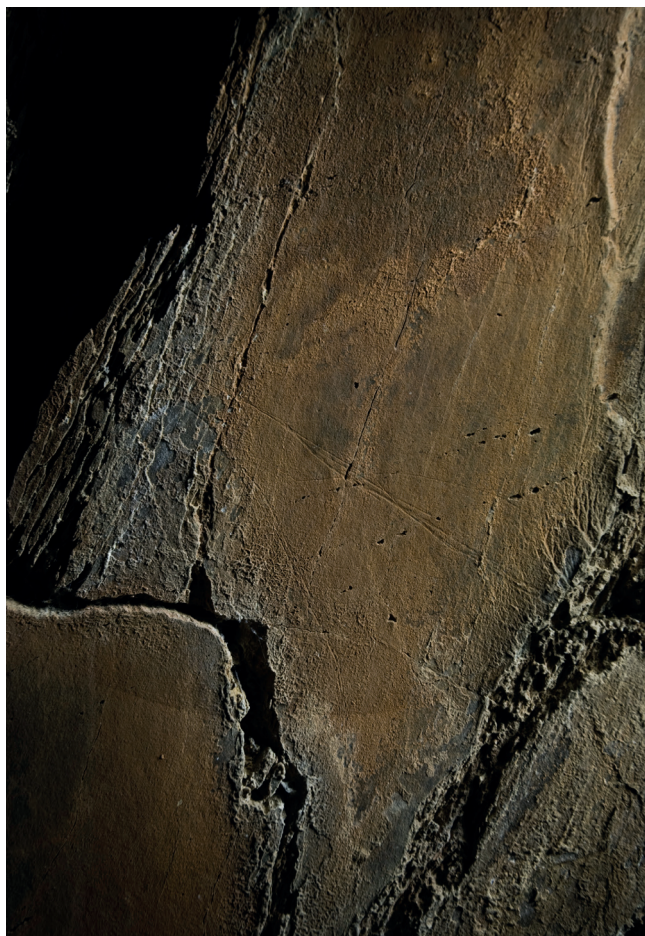
possível isolar uma unidade em forma de flecha simples (chave VIIa) e sete lineares (três da XIa, três da XIb e uma da XIc). Para a esquerda desta superfície e abaixo da anteriormente descrita, localiza-se o último painel desta composição (E2d), no qual se destaca uma unidade não figurativa da chave IXa gravada por incisão múltipla (**Foto 5**). Associam-se diretamente a ela outras duas da mesma chave, preenchidas interiormente, assim como duas da chave XIa e uma da XIIIb. Para cima isolaram-se ainda uma outra unidade linear (chave XIa) e duas angulares (chaves IXa e IXbb).

**Espaço parietal A (Fig. 5):** Trata-se do plano de diáclase situado imediatamente atrás e para a direita do espaço parietal anteriormente descrito. Apenas se identificou uma composição conformada por unidades gráficas não figurativas incisadas (A1). Como ocorre com a composição anteriormente descrita, a que aqui se encontra também está interrompida à direita. Na sua configuração atual, é dominada por dois arboriformes (chave VIII) (**Foto 6**), aos quais se associam uma unidade de tendência elíptica (chave IIa), uma de forma

trapezoidal com os vértices da base arredondados (chave IIIa), uma da chave VIIa, uma da IXaa, uma da IXbb, dez da XIa e seis da XIb.

**Espaço parietal B (Fig. 6):** Trata-se de um painel situado a cerca de 2 m para a direita do espaço parietal anteriormente descritos. O intervalo sem gravuras entre os espaços parietais A e B pode ser fruto da degradação posterior da rocha, como parece ser evidente pela observação deste sector do afloramento. Duas composições parecem distinguir-se, distribuídas por dois planos de diáclase com orientações relativamente diferentes: um localizado acima, orien-





**Foto 5: Unidade gráfica angular (chave IXa) gravada por incisão múltipla localizada no painel B da composição 2 do espaço parietal E da rocha 4 do Vale de José Esteves.**

tado a és-sudeste e outro, de maiores dimensões, orientado a este.

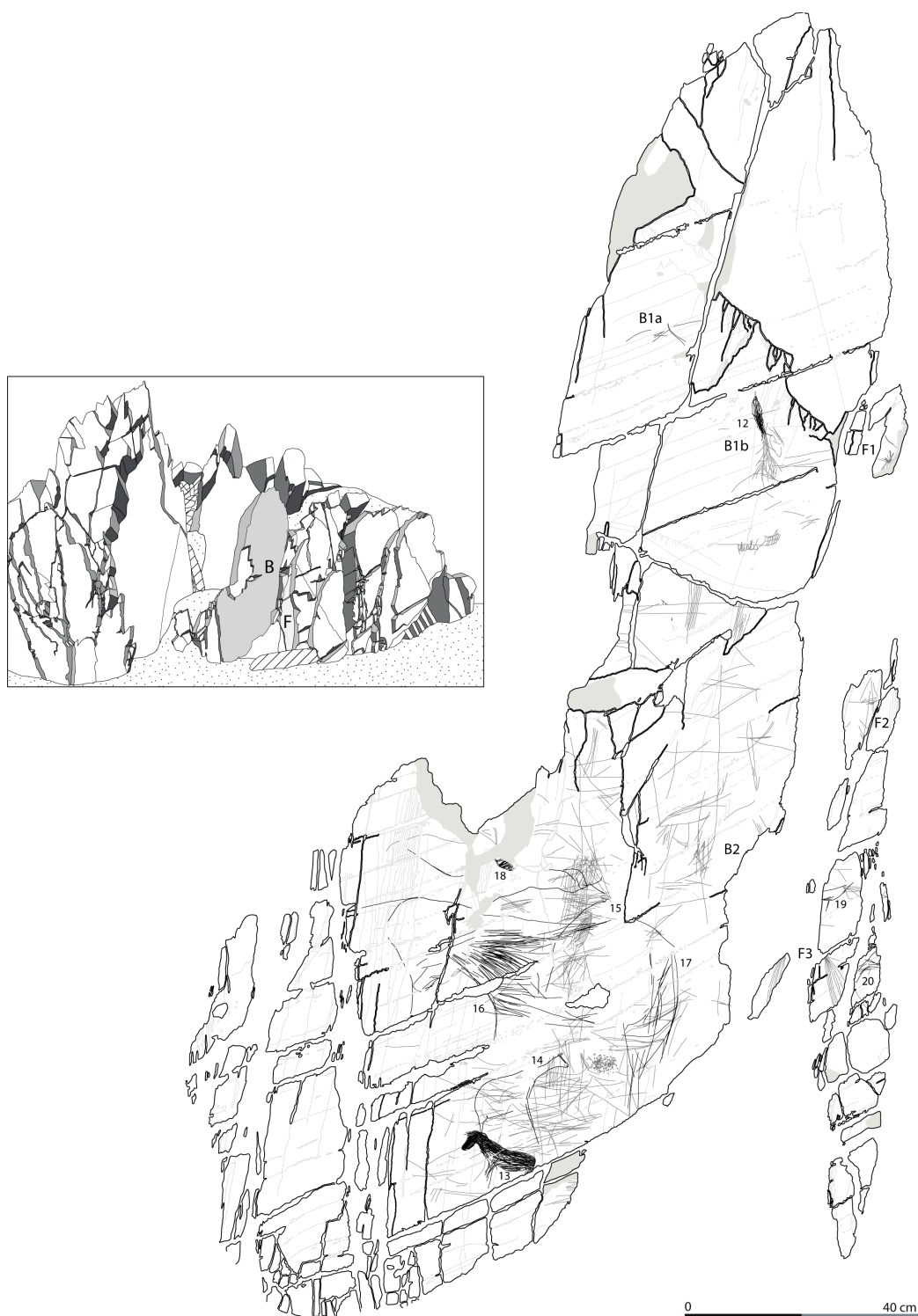
No primeiro distinguimos uma composição (B1) distribuída por dois painéis. Em B1a, localizado no painel da esquerda, apenas se identificam quatro unidades lineares (duas da chave XIa e duas da XIb) e uma angular (chave IXb), todas incisas. Em B1b, para além das unidades não figurativas, observa-se um peixe (**JE04-12**). Este encontra-se inclinado para cima, parecendo, à primeira vista possuir uma longa cauda. Uma observação mais atenta, revela, no entanto, que a putativa longa cauda corresponde a uma unidade gráfica não figurativa incisa da chave VIII, semelhante a uma que aparece na rocha 16 acima, e ligeiramente à direita, de JE16-04. O peixe, também inciso apresenta os bordos do corpo convexos, encontrando-se o seu interior totalmente estriado. A



**Foto 6: Composição do espaço parietal A, dominada pelos dois arboriformes (chave VIII) incisos.**

cabeça é de forma triangular, dela saindo um traço que poderá representar o bico dos salmões na época em que sobrem os rios. Apenas a barbatana caudal, de forma bifurcada, foi representada. Para além da unidade da chave VIII, associam-se ainda a JE04-12 duas unidades da chave IIa, uma da IXa, seis da XIa, duas da XIb e uma da XIc. Mais abaixo no painel identificam-se ainda duas da IIIb, duas da XIa e duas da XIb.

A segunda composição encontra-se no plano de diáclase remanescente. Nela identificamos cinco animais seguros e um sexto provável, todos localizados na metade inferior da composição. Os mais visíveis encontram-se junto à base da diáclase (**Foto 7**). Aí destaca-se a presença de um cavalo totalmente estriado, orientado para a esquerda (**JE04-13**). A sua cabeça apresenta o bordo ventral e o focinho convexos e o bordo dorsal com chanfro reto e fronte



**Fig. 6:** Decalque dos espaços parietais B e F da rocha 4 e a respetiva localização no afloramento rochoso.

convexa; a crineira é conformada por uma banda de traços atirados para a frente; o corpo do animal apresenta os bordos dorsal e caudal retos e o bordo ventral convexo. Apresenta os quatro membros, de-

finidos por bordos lineares e dispostos segundo uma perspetiva biangular oblíqua; a distinção entre o peito e o bordo traqueal é imperceptível, conformando o todo um limite convexo.





**Foto 7:** Sector inferior da composição 2 do espaço parietal B da rocha 4 do Vale de José Esteves, destacando-se aí o cavalo estriado JE04-12 e a cerva JE04-13.

O pescoço deste animal parece sobrepor o membro posterior de uma cerva, gravada por incisão simples, orientada para a direita (**JE04-14**). O animal apresenta cabeça de tendência triangular, com bordo fronto-nasal ligeiramente côncavo, focinho algo modelado na zona da boca, queixo convexo e ganacha reta. No interior da cabeça observa-se uma boca linear e na sua extremidade cranial duas orelhas lineares algo curvas e dispostas em perfil biangular oblíquo. A nuca é convexa e o pescoço longo e delimitado por bordos côncavos. O bordo dorsal do corpo encontra-se interrompido na zona do garrote, sendo o dorso reto e a garupa convexa; o bordo ventral é reto, encontrando-se ligeiramente encurvado na região inguinal. O membro anterior é delimitado por dois bordos retos na zona dos antebraços, sendo o braço definido linearmente: o membro posterior é definido por dois bordos que configuram a coxa, canela e jarrete.

Para cima desse conjunto encontram-se outros três animais. O que melhor se define é um veado definido por incisão simples, orientado para a direita (**JE04-15**). A cabeça é possante e de forma subtriangular (**Foto 8**): o bordo fronto-nasal apresenta fronte reta e chanfro algo convexo; o focinho é igualmente convexo, encontrando-se interrompido na zona da narina; no interior da cabeça identifica-se uma boca linear; das hastes foram gravados um largo tronco e um estoque linear; o bordo dorsal do animal apresenta garrote exagerado, interrompendo-se na zona do dorso; o bordo ventral do pescoço é côncavo e o peito reto. Para a esquerda do animal observa-se o que poderá corresponder à traseira do animal, aí se configurando uma garupa convexa seguida de anca pronunciada e um bordo caudal do membro posterior algo côncavo; abaixo do peito do animal, observa-se um par de traços que poderão corresponder aos bordos do seu membro anterior.





**Foto 8: Cabeça do veado JE04-15, destacando-se à sua direita a unidade gráfica foliforme preenchida interiormente (chave IIa).**

Abaixo deste animal, e sobrepondo-o parcialmente na sua zona do pescoço/ peito, observa-se um conjunto de traços que parecem corresponder à zona anterior de um cavalo definido por incisão e estriado interiormente, orientado para a esquerda (**JE04-16**). O animal apresenta-se com a cabeça inclinada para baixo, sendo esta de forma subtrapezoidal. O bordo fronto-nasal é reto e o focinho convexo e largo; o bordo ventral apresenta queixo convexo e ganacha côncava; a crineira apresenta delimitação interna na zona da extremidade, terminando em ponta; o bordo crinal é profundamente convexo e o dorso reto. A zona do pescoço/ peito é côncava e a pata dianteira de forma linear; o cilhadouro é reto. O animal encontra-se totalmente estriado apenas na zona do pescoço.

Este animal encontra-se parcialmente no interior de um animal definido por incisão simples, orientado para a esquerda (**JE04-17**). A zona melhor definida deste animal são os seus quartos traseiros. Estes apresentam uma anca convexa e garupa convexas; os membros posteriores apresentam coxas triangulares e canelas retas, dispostas segundo um perfil biangular oblíquo; o ventre é reto assim como o dorso. O facto de se identificar um traço reto que parece prolongar a garupa do veado **JE04-15** autoriza-nos a pensar que este traço pode corresponder ao bordo cervical de **JE04-17**, que assim reutilizaria a garupa do referido veado como garrote e o bordo caudal do membro posterior daquele animal como bordo ventral do pescoço.

Para cima do garrote de **JE04-15**, observa-se uma unidade gráfica que pode corresponder à cabeça de um cavalo estriado orientado para a direita (**JE04-18**). Da cabeça deste animal só se reconheceria o bordo ventral, tendencialmente convexo, e a parte do focinho, também ligeiramente convexo. A ser assim, um traço localizado para a esquerda desta unidade gráfica pode corresponder ao dorso reto deste animal e ao arranque do seu bordo crinal.

As restantes unidades desta composição são não figurativas, todas incisas com excepção de uma. Exclusivamente ao cavalo **JE04-13** apenas se associam dez unidades lineares (nove da chave XIa e uma da XIIb), descobrindo-se ainda outras oito, também lineares, para a sua esquerda (quatro da XIa, três da XIIb e uma da XIc). Alguns traços mais finos parecem conformar um reticulado aberto exteriormente (chave IIIc), que se sobrepõe a **JE04-13** e **JE04-14**.

Exclusivamente a **JE04-14** associam-se ainda duas unidades barbeladas (da chave VIIa), três angulares (uma da IXa, uma da IXab e uma da IXb), uma cruciforme (chave X) e 16 lineares (sete da chave XIa, cinco da XIIb, uma da XIc, duas da XId e uma da XIIIa). Para a sua esquerda isolaram-se ainda uma barbelada (chave VIIa) e três lineares (uma da chave XIa e duas da XIIb). Entre **JE04-14** e os membros posteriores de **JE04-17** observa-se ainda quatro unidades angulares (duas da chave IXa, uma da IXab e uma da IXba), duas cruciformes (chave X), seis lineares (duas da XIa, duas da XIIb e duas da XIc) e uma concentração de pontos picotados (chave XIIc).



Exclusivamente associadas ao veado **JE04-15**, isolaram-se uma unidade cruciforme (chave X) e cinco lineares (quatro da chave XIa e uma da XIIb). A **JE04-15**, **JE04-16** e **JE04-17** associam-se uma unidade triangular (chave Ib), uma foliforme preenchida interiormente (chave IIa) (**Foto 8**), dois reticulados abertos exteriormente (chave IIIc), uma unidade barbelada (chave VIIa), uma angular (chave IXab) e seis lineares (cinco da chave XIa e uma da XIIb).

As unidades gráficas que se associam a **JE04-16**, associam-se igualmente a **JE04-17**. Trata-se de uma unidade angular (chave IXb) e seis lineares (quatro da chave XIa e duas da XIIb). À esquerda destes animais, descobre-se ainda uma unidade linear (chave XIa).

Exclusivamente a **JE04-17**, associam-se seis unidades angulares (uma da chave IXa, duas da IXab, uma da IXb, uma da IXba e uma da IXbb) e treze lineares (nove da chave XIa, três da XIIb e uma da XIIc). Para a direita do animal isolaram-se uma unidade cruciforme (da chave X) e duas lineares (da chave XIa).

Imediatamente acima de **JE04-18** observa-se ainda duas unidades angulares (uma da chave IXaa e uma da IXb) e uma linear (chave XIIIb).

Abaixo dos animais ainda se descobrem duas séries de traços paralelos organizados numa chave XIIc e numa XId.

Finalmente, entre o grupo de animais e o limite superior da composição isolaram-se ainda onze unidades angulares (uma da chave IXa, três da IXaa, duas da IXab, três da IXb, uma da IXba e uma da IXbb), três cruciformes (chave X) e cinquenta lineares (vinte e cinco da chave XIa, doze da XIIb, nove da XIIc, uma da XId e três da XIIIb).

*Espaço parietal F* (Fig. 6); Trata-se da diáclase situada imediatamente à direita do espaço parietal B, num plano ligeiramente mais avançado. Encontra-se muito fraturado, identificando-se diversos painéis por onde se distribuem três composições.

F1 encontra-se muito acima das restantes composições, sensivelmente ao nível do painel B1b, e até num plano mais avançado. Neste pequeno painel apenas se identificam traços incisivos que, na sua forma atual, conformam oito unidades de tipo linear

(duas da chave XIa, três da XIIb, duas da XIIc e uma da XIIIb).

F2 localiza-se bem mais abaixo, sensivelmente ao nível do topo de B2 e da base do painel onde se encontra C1. Isolaram-se uma unidade triangular (chave Ib), uma angular (chave IXa) e cinco lineares (cinco da chave XIa e duas da XIIb), todas incisivas.

A composição F3, exclusivamente incisiva, distribui-se atualmente por cinco pequenos painéis. No maior destes observa-se o que parece ser uma ave acéfala (**JE04-19**). O corpo apresenta dorso reto, ventre convexo e pescoço reto e alongado; no seu interior observa-se o que poderão ser as rémiges da asa do animal. Apenas um membro foi representado, com o tarso bem distinguido da coxa. Associam-se ao animal duas unidades angulares (chave IXa) e três lineares (chave XIa).

Em pequeno painel à direita, alguns traços incisivos configuram uma unidade angular (chave IXb) e uma linear (chave XIa).

Para baixo do painel da ave **JE04-19** encontra-se outro painel onde se gravou uma unidade angular (chave IXa) associada a uma linear. Este painel encontra-se entre um à sua esquerda onde se gravou uma unidade da chave XIIc, e um à sua direita onde se gravou possível cabeça de cervídeo orientada para a direita (**JE04-20**) e três unidades gráficas não figurativas lineares (duas da chave XIa e uma da XIIc). A cabeça do cervídeo apresenta longo pescoço e cabeça com bordos ventral e dorsal retos e focinho largo e delimitado pelo limite do painel. A nuca apresenta uma terminação triangular, dela saindo um longo traço curvo que poderá corresponder a uma orelha ou a uma haste.

*Espaço parietal C* (Fig. 7): Este espaço parietal corresponde a conjunto de três planos de diáclase, que, em bloco, se encontram para a direita do espaço parietal F, num plano mais avançado. Distinguem-se pelo menos três composições.

C1 encontra-se no painel superior deste espaço parietal, tendo o seu levantamento sido feito anteriormente aos trabalhos que aqui se reportam. A sua descrição encontra-se publicada em Santos, 2019, 707-710, pelo que aqui não a repetiremos.

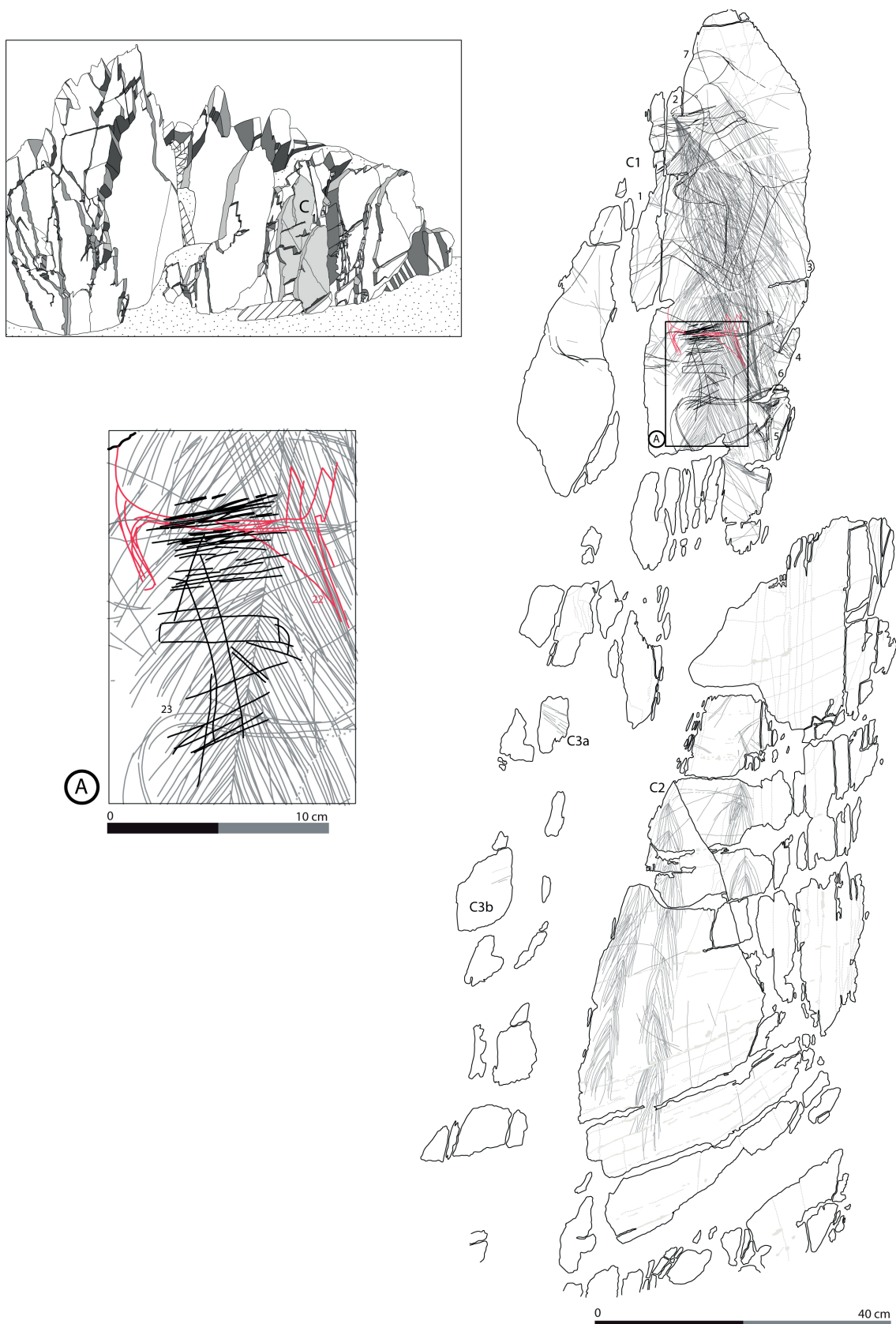


Fig. 7: Decalque do espaço parietal C e respetiva localização no afloramento rochoso. Em A detalha-se a arte pós-paleolítica da rocha.



Contudo, no trabalho citado são também referidas gravuras da Idade do Ferro e contemporâneas. Na medida em que não foram descritas naquele trabalho, aproveitamos esta ocasião para o fazer. A figura da Idade do Ferro trata-se de um quadrúpede inciso com utensílio metálico cortante, orientado para a direita (**JE04-22**). O animal é muito esquemático, apresentando um longo tronco definido por um bordo ventral reto e um dorsal igualmente reto mas que encurva na zona da garupa, que se prolonga por uma cauda linear apontada para cima. Apenas um membro posterior foi representado, sendo este definido por dois bordos curvos paralelos entre si e ligados em baixo por um bordo distal convexo. O membro anterior encontra-se lançado para a frente, sendo definido por dois bordos retos paralelos entre si. A cabeça, que arranca da linha dorsal e do bordo cranial do membro anterior, é de configuração subtrapezoidal, com um bordo cervical do pescoço reto, uma nuca apontada e um bordo fronto-nasal reto; o focinho encontra-se apontado para baixo e bem demarcado de um curto bordo ventral do pescoço. O interior do animal encontra-se preenchido no tronco e no membro posterior. O bordo caudal do membro anterior prolonga-se para lá do garrote do animal parecendo associar-se com forma angular, que no seu conjunto configuram o que parece uma segunda cabeça. Um traço linear liga ainda o bordo caudal do membro posterior ao dorso do animal.

Mais recente parece ser a cruz latina incisa que se encontra abaixo (**JE04-23**). Os braços são delimitados perimetralmente, não se interrompendo no ponto de junção de ambos. A cruz é rodeada por vários grafismos de carácter linear, destacando-se os feixes de traços horizontais, existentes nas extremidades do eixo vertical da figura.

C2 encontra-se imediatamente abaixo, distribuindo-se por dois planos de diáclase. Um destes corresponde àquele onde se encontra C1. O outro apresenta uma orientação ligeiramente diferente, orientando-se alguns graus mais para sul. O topo deste, forma um ângulo agudo que terá sido aproveitada pelo gravador para aí enquadrar o topo de uma das três unidades gráficas de tipo arboriforme



**Foto 9: Extremidade superior do arboriforme central do painel da composição 2 do espaço parietal C da rocha 4 do Vale de José Esteves. Observe-se a forma como ele se adapta à forma do suporte.**

(chave VIII) (**Foto 9**) que dominam pela sua dimensão esta composição. Trata-se da unidade central. A da esquerda encontra-se no mesmo plano de diáclase e a direita no outro. Para além destas três unidades, identificam-se ainda na composição duas angulares (chave IXa e IXaa), uma cruciforme (chave X) e dezanove lineares (nove da chave XIa, seis da XIb e quatro da XIc).

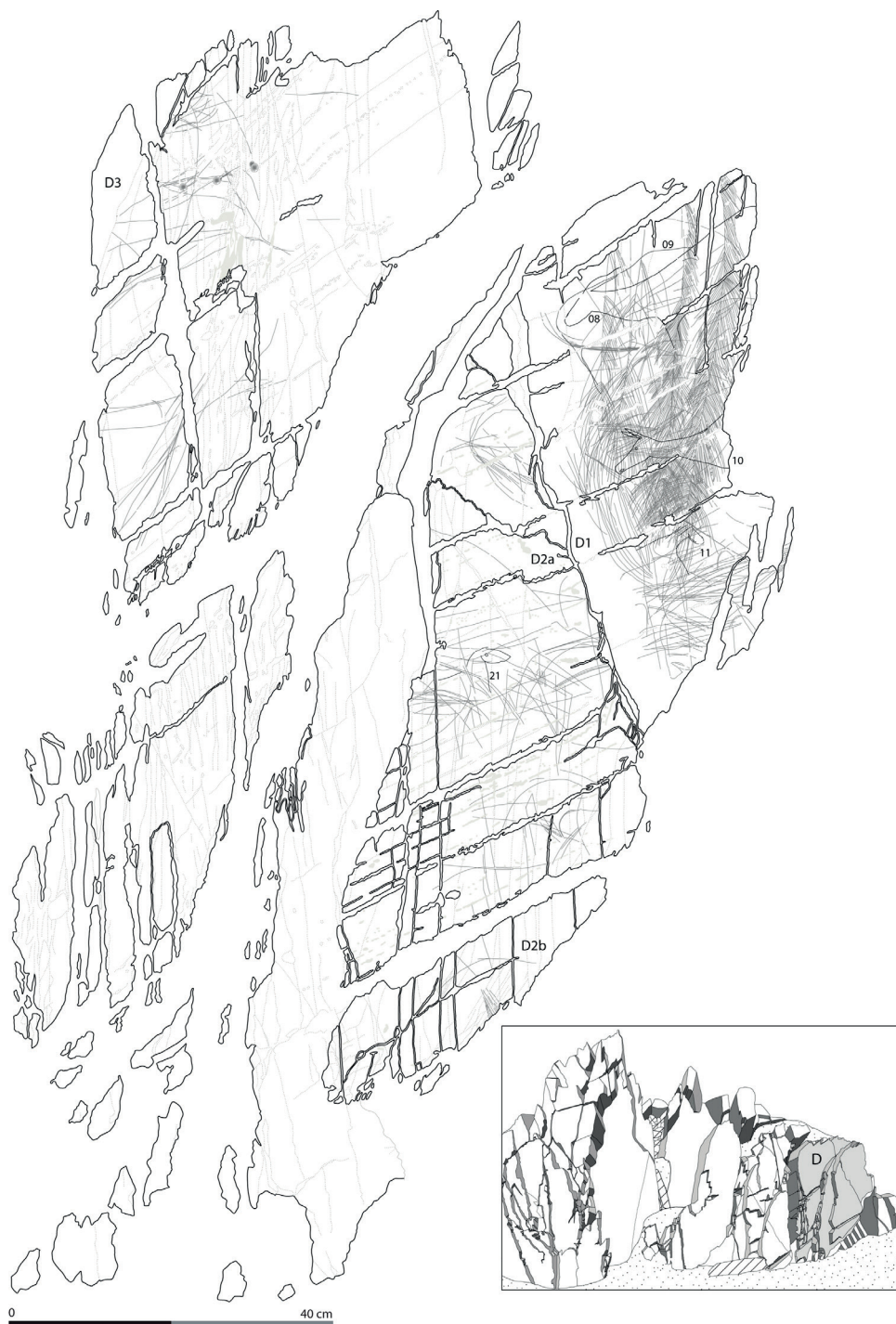
C3 encontra-se no plano de diáclase localizado à esquerda de C2. Terá sido exposto após fratura deste último e encontra-se muito fraturado, distribuindo-se a composição por dois painéis distintos. Em C3a apenas se identifica uma unidade linear de tipo feixe (chave XIc) e em C3b um par de traços (chave XIb), tudo inciso.

**Espaço parietal D (Fig. 8):** Localiza-se para a direita do anterior, encontrando-se mais avançado por efeito do *toppling*. Identificam-se aí três composições, distribuídas por três diáclases diferentes.

D1 é a composição que delimita o dispositivo gráfico pela direita. Localiza-se em diáclase exposta após a

fraturação daquele onde se encontra D2. Tendo sido já descrita (Santos, 2019, 710, decalque na página 709), aqui nos abtemos de o fazer.

D2 localiza-se na diáclase imediatamente à esquerda, distribuindo-se por dois painéis. Trata-se de uma composição executada exclusivamente por incisão.



**Fig. 8:** Decalque do espaço parietal D da rocha 4 e a respetiva localização no afloramento rochoso.



Apenas se identificou uma unidade gráfica figurativa em D2a. Trata-se de um cavalo orientado para a direita, reduzido ao dorso, cabeça, pescoço (JE04-21). A cabeça apresenta bordo fronto-nasal e ganacha convexas, queixo reto e focinho apontado, descobrindo-se no seu interior um olho circular. O bordo crinal é convexo e a sua extremidade destacada e apontada para a frente. O bordo ventral do pescoço é reto e o peito e o dorso côncavos.

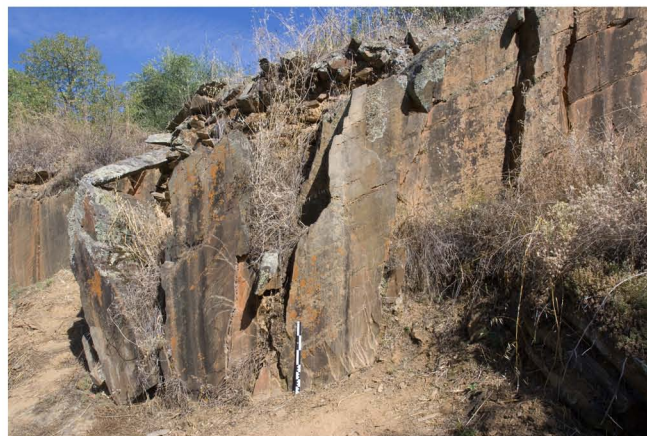
Sobrepoem-se ao animal vinte unidades não figurativas. Uma de tipo reticulada aberta numa extremidade (chave IIIc), quatro barbeladas (chave VIIa), duas angulares (chaves IXa e IXab) e 13 lineares (quatro da chave XIa, três da XIIb, cinco da Xlc e uma da XIIIb). Pelo resto do painel isolaram-se ainda quatro unidades barbeladas (Chave VIIa), treze angulares (três da chave IXa, uma da IXaa, duas da IXab, seis da IXb e uma da IXc) e cinquenta e três lineares (trinta e sete da chave XIa, nove da XIIb, cinco da Xlc e duas da XIIIb).

Em D2b apenas se isolaram uma unidade gráfica não figurativa de tipo angular (chave IXa) e duas de tipo linear (chaves XIa e XIIb.).

D3 localiza-se em diáclase resultante da fraturação do lado esquerdo daquela onde se encontra D2, em painel separado do restante espaço parietal por uma fratura. O repertório é exclusivamente não figurativo. Destaca-se aí um alinhamento de pontos (chave XIIa) conseguidos mediante picotagem indireta com pequeno percutor lítico. Para além deste alinhamento identificam-se diversos traços incisivos que parecem configurar um retângulo com apêndices nos vértices da base (chave IIIb), duas unidades angulares (chaves IXa e IXb) e quarenta e duas lineares (vinte e quatro da chave XIa, dezasseis da XIIb e duas da Xld).

#### 4.2. Rocha 12

Localiza-se a 11 m para noroeste da rocha 4, a cerca de 152 m de altitude. A superfície gravada corresponde a uma diáclase com uma variedade cromática entre o cinzento e o castanho (**Foto 10**). A superfície é pouco acidentada e lisa, tendo-se fraturado seguramente no seu lado direito, como se pode atestar pela interrupção brusca da única unidade gráfica figurativa que aqui se identifica (**Fig. 9**; **Foto 11**).



**Foto 10:** Vista frontal da rocha 12, obtida aproximadamente de SE.



**Fig. 9:** Decalque da rocha 12 do Vale de José Esteves.





Foto 11: Possível veado JE12-01.

Trata-se de um quadrúpede inciso orientado para a direita, do qual só nos restam os quartos traseiros e uma grande parte do bordo ventral do tronco (**JE12-01**). O animal apresenta garupa direita, anca arredondada e ventre convexo. Apenas chegou até nós o membro posterior, definido por dois bordos curvos que se juntam na extremidade distal. Na zona inguinal, observa-se uma convexidade na linha ventral que poderá representar o forro sexual de um macho. Embora a cauda, definida por um bordo ventral curvo e um dorsal sinuoso, lembre vagamente a de um capríneo, quer a sua maior dimensão relativa ao corpo, quer o alongamento deste denunciado pelo bordo ventral do tronco, inclinam-nos a interpretar este quadrúpede como um cervídeo.

Ao animal associam-se diretamente doze unidades gráficas não figurativas — uma barbelada (chave VIIa), três angulares (duas da chave IXa e uma da IXb) e oito lineares (seis da chave XIa e duas da XIIb).

Para a sua esquerda identificaram-se três unidades lineares (duas da chave XIa e uma da XIIb). Mais abaixo isolaram-se uma unidade barbelada (chave VIIa), duas angulares (chaves IXab e IXb) e oito lineares (seis da chave XIa e duas da XIIb).

#### 4.3. Rocha 36

Localiza-se a 25 m para oés-sudoeste da rocha 12, a uma cota semelhante. Localizando-se mais a montante no vale, encontra-se mais perto do leito do rio, que corre cerca de 3 m mais abaixo. Trata-se de um imponente afloramento cujas superfícies gravadas apresentam uma variedade cromática entre o laranja e o castanho (**Foto 12**). O afloramento apresenta-se uma morfologia acidentada devido essencialmente a processos de *toppling* e perda de placas (**Fig. 10**, Foto 12). Esta morfologia condicionou o enquadramento do dispositivo gráfico, composto por três composições distribuídas por outras tantas diáclases.

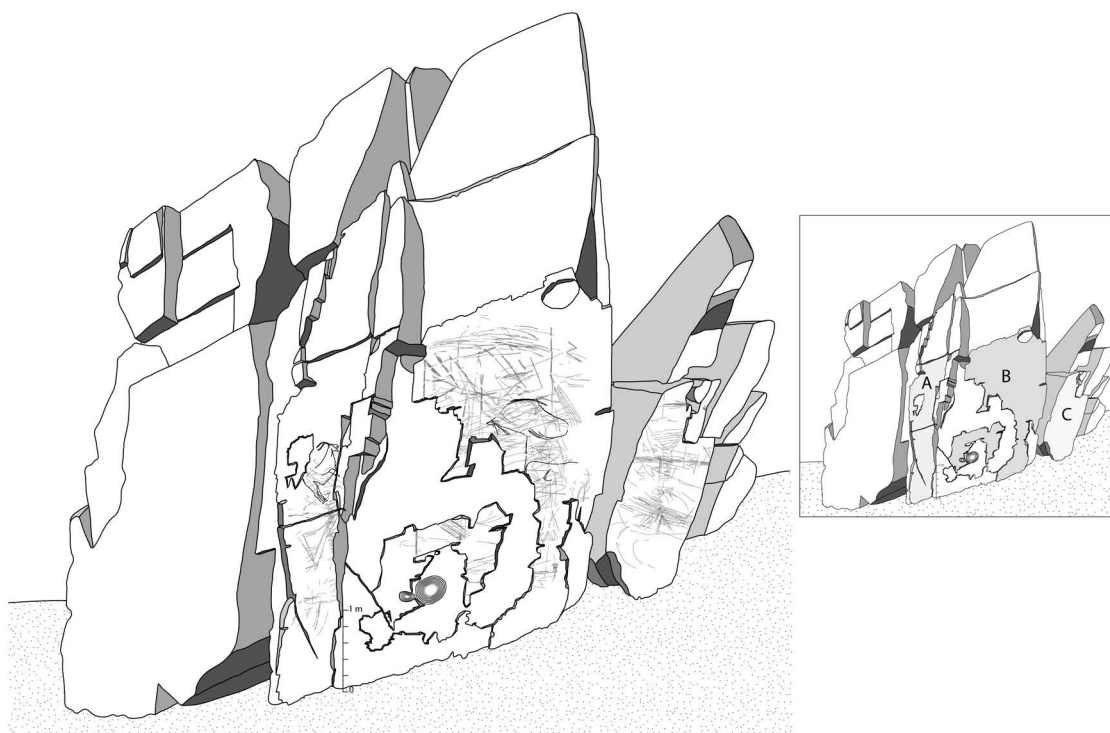




**Foto 12:** Vista frontal da rocha 36, obtida aproximadamente de SE.

**Espaço parietal A (Fig. 11):** Trata-se da diáclase gravada que delimita o dispositivo pela esquerda, sendo a que se encontra em plano mais avançado. No seu sector superior observa-se uma camada de calcite que afeta ainda o topo da única composição que aqui se identifica, dificultando a sua leitura e, sobretudo, o seu registo fotográfico (**Foto 13**).

Um macho de cabra-montês, inciso e orientado para a direita (**JE36-01**), localizado no sector superior da composição, é a única figura animal desta composição. Apresenta uma cabeça fortemente modelada (**Foto 13**). O seu bordo fronto-nasal apresenta fronte bombeada e chanfro convexo; o focinho é apontado e a boca encontra-se aberta, sendo delimitada por um queixo convexo; a pera é contornada e em forma de folha, como a orelha localizada atrás dos cornos, também delimitados perimetralmente, e dispostos segundo um perfil uniangular. No interior da cabeça, observa-se um olho amendoado e uma de-



**Fig. 10:** Localização das diferentes composições estudadas na rocha 36 do Vale de José Esteves (desenho efetuado sobre foto). A direita, esquema com a identificação dos diferentes espaços parietais isolados na rocha.

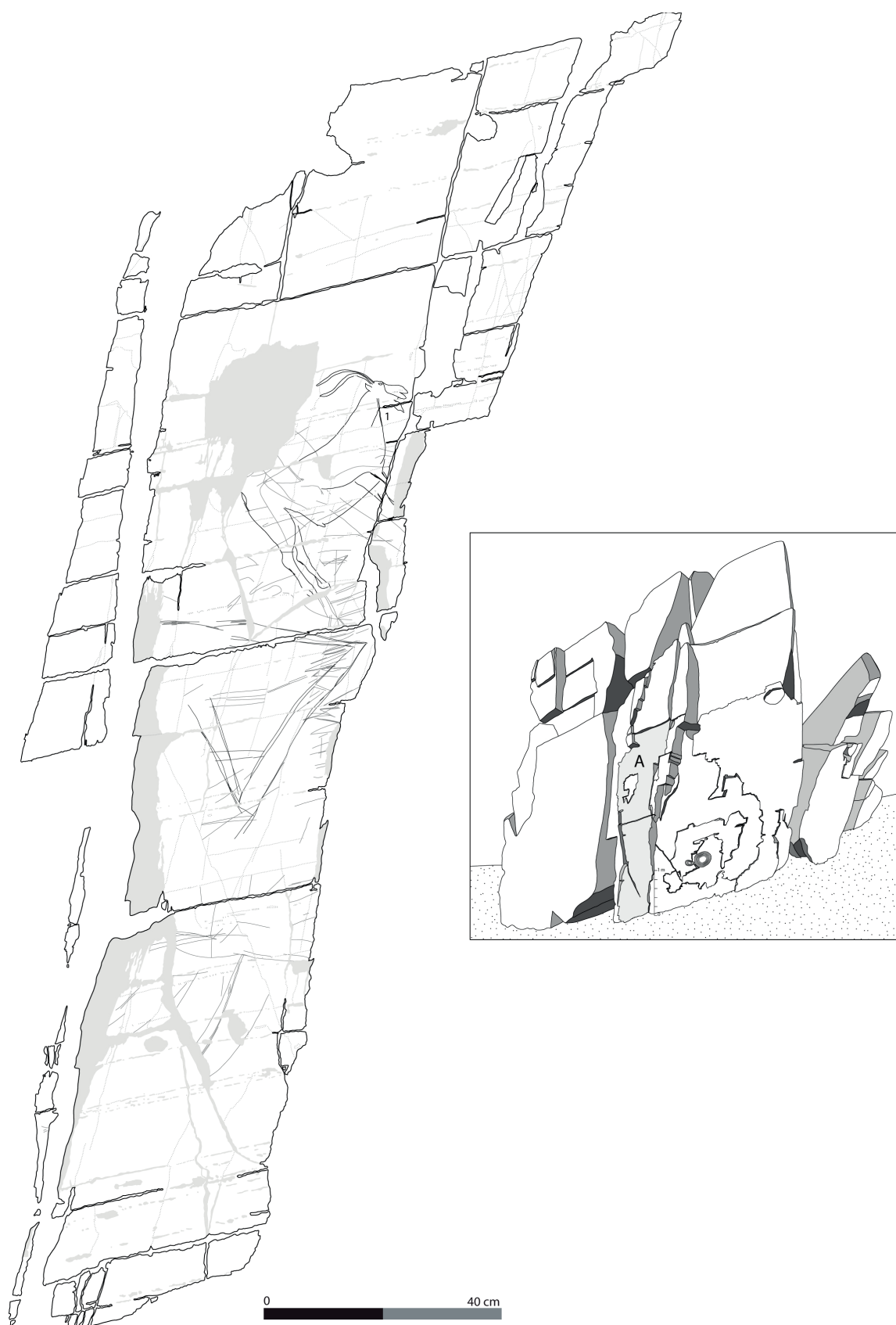


Fig. 11: LDecalque do espaço parietal A da rocha 36 e a respetiva localização no afloramento rochoso.





**Foto 13: Detalhe da cabeça do macho de cabra-montês JE36-01. Observe-se a película de calcite que afeta grande parte do animal.**

limitação interna entre a base do queixo e a fronte. O bordo cervical do pescoço é ligeiramente convexo e o dorso praticamente reto. A cauda encontra-se tombada sobre a anca ligeiramente convexa. Os membros posteriores, dispostos em perfil uniangular, são também muito modelados, distinguindo-se coxa, jarrete e canela. Os cascos são realistas, observando-se inclusivamente a distinção entre as unhas no que termina o membro direito. No bordo dorsal do tronco observa-se a bainha e uma cilheira reta. Os dois membros anteriores dispõem-se igualmente em perfil uniangular, não sendo, no entanto, tão modelados como os posteriores e encontrando-se interrompidos na extremidade distal devido à degradação do suporte.

Ao animal associam-se trinta e sete unidades gráficas não figurativas: duas de forma semielíptica (chave IIb), uma retangular com apêndices (chave IIIb), uma em forma de T (chave VIb), uma barbelada (cha-

ve VIIa), seis angulares (duas da chave IXa, uma da IXab, duas da IXb e uma da IXc) e vinte e seis lineares (vinte da chave XIa, cinco da XIb e uma da XIc). Imediatamente abaixo do animal e com umas dimensões muito semelhantes, o espaço gráfico é dominado por uma unidade gráfica em forma de triângulo invertido (chave Ia), em torno e sobre a qual se observam outras cinquenta e cinco unidades gráficas não figurativas: uma semicircular (chave IIb), uma banda de traços horizontais atravessada por um eixo vertical (chave IIIc?), seis unidades angulares (chave IXb) e quarenta e sete lineares (vinte e quatro da chave XIa, quinze da XIb, seis da XIc, uma da XId e uma da XIIIb).

*Espaço parietal B (Fig. 12).* Trata-se da diáclase situada imediatamente à direita do espaço parietal anteriormente descrito, sendo resultante da fratura daquele. A superfície do painel encontra-se muito



**Fig. 12: Decalque do espaço parietal B da rocha 36 e a respetiva localização no afloramento rochoso.**

degradada devido a queda de placas, o que não facilita a leitura do que parece ter sido originalmente uma grande composição exclusivamente incisa. Devido à elevada degradação do painel e às características intrínsecas da composição, a leitura que em

seguida se faz, é muito subjetiva, sobretudo no que toca ao isolamento de unidades gráficas não figurativas. Este inventário, permite, no entanto, quantificar a densidade de traços que aqui se encontra, assim como a diversidade das suas configurações.



Devido à queda de placas, a superfície gravada não é contígua. Para efeitos de descrição, dividimos a composição em dois painéis: um de maiores dimensões (B1a) e outro, mais pequeno, localizado no sector inferior esquerdo do espaço parietal (B1b).

As únicas unidades figurativas que se parecem definir encontram-se em B1a. A de maiores dimensões parece corresponder a um prótomo de cavalo orientado para a direita, definido por incisão múltipla (**JE36-02**). A cabeça apresenta bordo fronto-nasal côncavo, focinho largo e convexo e mandíbula convexa. A crineira é convexa e apontada para a frente; o bordo ventral do pescoço é reto.

Um pouco para baixo à esquerda, parece definir-se um prótomo de capríneo definido por incisão simples e preenchido interiormente, orientado para a esquerda (**JE36-03**). A cabeça apresenta formato subtriangular, com bordo fronto-nasal reto, focinho apontado e mandíbula convexa. Os cornos são lineares e retos, dispondo-se em perfil biangular oblíquo; o bordo cervical do pescoço é reto; o bordo dorsal do tronco apresenta garrote convexo e longo dorso reto.

Para a direita da extremidade distal do pescoço do cavalo observa-se o que podem ser os bordos cérvico-dorsal e caudal de um auroque, definido por incisão simples e orientado para a direita (**JE36-04**). O bordo cérvico-dorsal apresenta garrote convexo, dorso côncavo e garupa convexa; a anca é arredondada, observando-se na cauda a distinção entre a raiz e o troço.

Abaixo do dorso do animal precedente observa-se o que pode corresponder a uma cabeça de quadrúpede definida por incisão, orientada para a esquerda (**JE36-05**). Apresenta bordo fronto-nasal com fronte rebaixada em relação ao chanfro, focinho apontado e mandíbula convexa; um traço no interior pode representar a narina. Destaque-se a semelhança desta cabeça com a da cabra-montês Cl41-05 (Santos, 2019, 699), o que pode contribuir para a identificação desta figura como dessa espécie.

As restantes incisões de B1a não configuram (pelo menos atualmente) nada de figurativo. Associadas exclusivamente a **JE36-02** isolaram-se uma forma semi-elíptica (chave IIb), seis unidades barbeladas

(chave VIIa), um ramiforme definido por incisão múltipla (chave VIII), catorze unidades angulares (três da chave IXa, três da IXaa, uma da IXab, seis da IXb e uma da IXbb), uma forma esteliforme (chave X), sessenta e seis lineares (trinta e nove da chave XIa, doze da XIb, sete da Xlc, uma da Xld e sete da XIIb) e uma ondulada (chave XIIIa).

A **JE36-02** e **JE36-04** associam-se uma forma barbelada (chave VIIa) e uma linear (chave XIa).

A **JE36-03** associam-se cinco unidades barbeladas (chave VIIa) e sete lineares (seis da XIa e uma da XIb).

A **JE36-04** associam-se duas unidades barbeladas (chave VIIa), duas angulares (chaves IXb e IXbb), quatro lineares (três da chave XIa e uma da XIb) e uma ondulada (chave XIIIa).

Simultaneamente a **JE36-04** e **JE36-05** associam-se uma forma reticulada (chave IIIa), uma barbelada (chave VIIa) e duas lineares (chaves XIa e Xlc).

Entre o lado esquerdo de **JE36-03** e o bordo dorsal de **JE36-04** distribuem-se em torno dos animais quatro unidades barbeladas (chave VIIa), seis unidades angulares (uma da chave IXa, uma da IXaa e quatro da IXb) e oitenta e nove lineares (quarenta e quatro da chave XIa, vinte e quatro da XIb, dezanove da Xlc, uma da Xld e uma da XIIb).

Para baixo de e para a direita de **JE36-05** isolaram-se duas unidades triangulares (chaves Ia e Ib), uma unidade semi-elíptica (chave IIb), três barbeladas (chave VIIa), cinco angulares (três da chave IXa e duas da IXbb), uma unidade cruciforme (chave X), trinta e nove lineares (vinte e sete da chave XIa, oito da XIb, três da Xlc e uma da XIIb) e uma ondulada (chave XIIIa).

No painel B1b isolaram-se uma unidade barbelada (chave VIIa), duas angulares (chave IXb) e vinte e cinco lineares (dezasseis da chave XIa, uma da XIb e oito da Xlc).

Refira-se finalmente a existência de raspagens recentes centradas na crineira de **JE36-02**, que conformam duas unidades angulares.

*Espaço parietal C* (Fig. 13): Trata-se de diáclase pertencente a bloco localizado à direita do espaço parietal B e avançado relativamente a ele por efeito do *toppling* (cfr. Fig. 10; Foto 12).



**Fig. 13: Decalque do espaço parietal C da rocha 36 e a respetiva localização no afloramento rochoso.**

Apenas se identificou uma composição constituída exclusivamente por unidades gráficas não figurativas. Estas foram, com uma possível exceção, gravadas exclusivamente por incisão. Na composição isolaram-se duas unidades em forma de triângulo invertido (chave Ia), uma estrutura reticulada não delimitada totalmente (chave IIIc), quatro unidades barbeladas (chave VIIa), doze unidades angulares (quatro da chave IXa, uma da IXaa, cinco da IXab e duas da IXb), três formas cruciformes (chave X) e sessenta e uma chaves lineares (trinta e cinco da chave XIa, dezoito da

XIb, seis da XIc e duas da XIIIb). Junto ao limite direito do painel, sensivelmente a meio do seu eixo longitudinal observa-se alguns traços de cronologia recente.

## 5. Balanço

Os trabalhos desenvolvidos no Vale de José Esteves permitiram terminar o registo gráfico da rocha 4 e ainda realizar os decalques dos painéis gravados das rochas 12 e 36, o que representou um acréscimo ao corpus documental da arte rupestre do Côa de mais 11 painéis.

Como se referiu na introdução, a escolha destes painéis visava 1) uma melhor caracterização da arte do Côa atribuída ao Magdalenense, 2) precisar o ciclo da arte paleolítica do Vale do Côa e 3) comparar de forma mais consistente os grafismos do Côa atribuíveis ao Magdalenense com os de outras regiões peninsulares genericamente coevos e, desta forma, contribuir para uma melhor caracterização das redes de contacto a longa distância em que a região se inseria durante a vigência desta cronocultura. A ocorrência de

grafismos pós-paleolíticos na rocha que só agora se publicam, impelem-nos igualmente a 4) contextualizar estas figuras no ciclo rupestre do Côa.

1) Relativamente ao primeiro ponto, os nossos trabalhos vieram confirmar a existência de um fácies extremamente naturalista da arte magdalenense do Côa e do Vale de José Esteves em particular. Devem assim juntar-se aos animais já estudados previamente dos espaços parietais C e D da rocha 4, o macho de cabra-montês da rocha 36 (JE36-01), cujo estudo reforça o seu carácter naturalista, detetável não só ao nível da cabeça, como já se havia observado, como sobretudo ao nível dos membros posteriores.



Refira-se também a animação da boca desta figura, que surge aberta. Trata-se, segundo a tipologia já definida (Luís, 2012), de um instantâneo segmentar da boca e surge numa outra figura do sítio, também destacável pelo seu naturalismo – a cerva **JE04-01** (Santos, 2019, 708), mas também no veado **JE04-15**, que, como se referirá em seguida, já se integrará num fácies menos naturalista. Este tipo de animação é aliás, conhecido no vale em diferentes fases (fase 1: **Cl26-03**; fase 4: **Cl34-01**, **VC01-01** [Santos, 2019, 680, 692, 723]), mas a sua incidência no Magdalenense deve ser relevada, particularmente entre veados e cabras-monteses (para além de **JE04-01**, **JE04-15** e **JE36-01**, refira-se ainda **Pn10-03** [Santos, 2019, 510]), a que se junta uma figura humana (**Pi02-08** [Santos, 2019, 537]). Poder-se-á interpretar a coincidência entre uma maior frequência deste atributo e uma determinada fase como uma característica do estilo dessa mesma fase. Contudo, uma vez que a esmagadora maioria das suas figuras não apresenta esta característica, julgamos legítima a sua interpretação como a representação de vocalizações.

Mas a nossa campanha também vem confirmar a existência de um fácies menos naturalista, ainda que não tão esquemático como o da arte do Azilense recente. Referimo-nos aos cervídeos **JE04-14**, **JE04-15** e **JE12-01**. Estas figuras não são uma novidade no Côa, oferecendo os cervídeos da rocha 4 de Vale de Cabrões (Santos, 2019, 724-726) um bom paralelo para elas. Para além da animação já mencionada da boca do veado **JE04-15**, refira-se ainda o instantâneo segmentar da cabeça da cerva **JE04-14**, que, ligada ao corpo por um longo pescoço, surge no prolongamento da linha do dorso, como que lançada para diante. Trata-se da posição da cabeça animada mais comum, presente em todas fases estilísticas.

Já os animais identificados no espaço parietal B da rocha 36 apresentam características que tornam a sua atribuição cronocultural mais complicada. O auroque está demasiado incompleto para nos servir de referência, embora se possa defender com uma segurança elevada que será seguramente anterior ao Azilense, dada a sua curva cérvico-dorsal bastante detalhada. Já a cabeça do cavalo não dispõe de paralelos claros no Côa. Curiosamente, as figuras que

mais se aproximam foram atribuídas à fase 2 (final do Solutrense inícios do Magdalenense). Entre estas figuras citem-se: **QB23-03** (Santos, 2019, 480-481), que dispõe igualmente de fronto-nasal côncava, mandíbula convexa e o topete da crineira apontado, não apresentando, no entanto, delimitação do focinho; a cabeça inferior de **Pn04-07** (Santos, 2019, 499), embora aí se observe um ténue estrangulamento entre a ganacha e a mandíbula; ou **Pi24-68** (Santos, 2019, 578), embora esta cabeça seja algo mais longa. Também o capríneo **JE36-03**, embora estriado interiormente, não se parece conformar aos morfótipos mais comuns do Azilense, embora o seu estado de incompletude também não nos permita grandes comparações. Por outro lado, a associação temática presente nesta composição é muito mais compatível com momentos pré-azilenses da arte do Côa. Uma questão importante que esta composição nos levanta é a da sua relação cronológica com a composição do espaço parietal A. Serão contemporâneas ou poderá haver um distanciamento temporal entre ambas? Com os dados de que dispomos atualmente, devemos declinar-nos por esta hipótese, sendo de considerar a maior antiguidade da composição do espaço parietal B.

Refira-se também a identificação de um tema raro – o da ave — no painel 3 do espaço parietal F.

Outro importante contributo dos nossos trabalhos ao nível da caracterização da arte do final do Pleistoceno prende-se com o enriquecimento do corpus documental da fase recente do Azilense, presente de forma indiscutível no espaço parietal B da rocha 4, e representado pelas unidades **JE04-12**, **JE04-13**, **JE04-16**, **JE04-17** e, eventualmente, **JE04-18**. Importa salientar que, do ponto de vista da estratigrafia parietal, estas figuras sobrepõem as do fácies menos naturalista a que nos referimos acima. Importa também destacar a sua dissociação relativamente às figuras naturalistas dos espaços parietais C e D, com a exceção do peixe **JE04-06** que a elas se sobrepõe no espaço parietal C. Refira-se, por fim, a identificação, também entre estas figuras, de um possível tipo de animação. Referimo-nos à representação do membro anterior esquerdo de **JE04-13**, onde o feixe de linhas parece sugerir uma flexão ao nível do Joelho,

como ocorre num reduzido número de figuras de diferentes fases, nas quais este tipo de flexão (**Fr01-55** [Santos, 2019, 612]), por vezes acrescido de uma extensão ao nível do antebraço (**Pl06-05** [Santos, 2019, 545]) e assimetria dos membros anteriores (**Pl05-01** [Santos, 2019, 542]), ajuda a conferir a ideia de locomoção ou salto. De estilo semelhante, a cerva **Cl13-02** (Santos, 2019, 660) apresenta uma flexão semelhante numa das patas traseiras, enquanto que na da Vermelha 2 (Baptista, 1999, 144) ela se estende aos quatro membros.

Refira-se finalmente a importância da nossa campanha para o conhecimento do repertório não figurativo do Magdalenense e/ou do Azilense, especialmente das figuras mais complexas habitualmente designadas como signos na bibliografia arqueológica. Entre estas figuras destacam-se nas rochas que estudámos os triângulos e os arboriformes. Uma das unidades triangulares invertidas é indubitavelmente uma das figuras centrais da composição presente no espaço parietal A da rocha 36, apresentando dimensões muito semelhantes às do macho de cabra-montês representado acima. Figuras deste tipo ocorrem ainda em posição de destaque na composição do espaço parietal C da mesma rocha. Mais discretas e posicionadas em estação normal ocorrem no espaço parietal B da rocha 4, associadas às unidades **JE04-15**, **16** e **17**, e no painel 2 do espaço parietal F da mesma rocha.

Os arboriformes, sobretudo os alongados, são, por outro lado, omnipresentes, na rocha 4, onde ocorrem em todos os espaços parietais, com exceção dos espaços parietais B e F, isto é, daqueles que contém indiscutíveis figuras azilenses.

2) Destes trabalhos resultaram igualmente importantes observações que nos permitem precisar a sequência cronoestilística da arte do Côa entre o Magdalenense e o Azilense. A primeira observação prende-se com a muito provável sobreposição, no espaço parietal B da rocha 4, do dispositivo do Azilense recente sobre o fácies menos naturalista (por comparação com o Magdalenense "clássico") que acima se falou. Note-se que, como referimos, estas gravuras devem ser paralelizadas com as da rocha 4

de Vale de Cabrões. Ora, a análise fatorial efetuada sobre os efetivos de veados da bacia do Douro integrou estes animais na sua classe 2 que inclui todos os motivos que se situam entre o final do Solutrense e o Azilense. Poderão estas figuras serem contemporâneas daquelas figuras que marcam o final do fácies naturalista da arte paleolítica e para cuja existência no Côa, designadamente na rocha 4 da Ribeira da Cabreira, já havíamos chamado a atenção (Santos et al., 2018, 66)? Se consideramos que o auroque subesquemático identificado no espaço parietal D (**JE04-09**) poderá integrar-se neste fácies, então teríamos uma evidência igualmente da sua posteridade relativamente às figuras magdalenenses mais clássicas, uma vez que se lhes sobrepõe (Santos, 2019, 710).

Resta saber onde integrar nesta sequência o repertório não figurativo, designadamente o mais complexo como os triângulos e os arboriformes. Variantes deste tipo de unidades aparecem igualmente na rocha 16 do sítio (e.g. Santos, 2019, 716-721), pelo que o nosso primeiro impulso seria atribuir estes motivos à fase Azilense. Contudo, nas rochas agora estudadas, enquanto os arboriformes aparecem em todos os espaços parietais com figuras magdalenenses, não aparecem no único onde as azilenses dominam e as magdalenenses naturalistas estão ausentes (o espaço B da rocha 4). Também os triângulos apenas têm uma importância grande na rocha 36 onde figurações azilenses claras estão ausentes e onde é evidente a associação de um grande triângulo com a cabra-montês de claro "estilo IV" aí presente (**JE36-01**). Os triângulos, embora mais discretos, aparecem no espaço parietal B da rocha 4. Contudo, aqui, ao contrário do que ocorre na rocha 36, não se encontram invertidos.

Ou seja, com os dados que dispomos de momento, estes motivos parecem poder relacionar-se mais com as figuras magdalenenses que com as azilenses. A confirmação desta hipótese deverá passar pela observação da sequência gráfica do espaço parietal D da rocha 4 com recurso a lupa binocular adaptada ao campo ou a outros métodos mais robustos (e.g. observação de molde com microscópio electrónico de varrimento), de forma a se verificar rigorosamente a relação entre os arboriformes, os animais natu-



ralistas (**JE04-08** e **JE04-10**) e os mais esquemáticos (**JE04-09** e **JE04-11**).

Da mesma maneira se deverá proceder na rocha 16. De facto, a distribuição espacial das unidades figurativas e não figurativas mais complexas desta rocha por duas bandas sensivelmente horizontais foi já relevada (Santos, 2019, 716), assim como a diferença técnica ao nível da execução de ambos os tipos de figuras (Aubry & Sampaio, 194, tab. 3). Poderá esta diferença ser, parcialmente, indicadora de uma diferença temporal entre as duas categorias de motivos? A. M. Baptista, com base numa comparação entre o repertório não figurativo da rocha e as peças de La Cocina já tinha sugerido uma maior antiguidade dos motivos animais (Baptista, 2008, 31), mas não se passará exatamente o contrário? Apenas uma rigorosa observação mesoscópica e, eventualmente, microscópica da rocha o dirá, mas será de reter alguns factos: 1) os signos da rocha 16 apresentam as mesmas características técnicas que os da rocha 4 (Aubry & Sampaio, 194, tab. 2), os animais estriados da rocha 4 apresentam igualmente as mesmas características técnicas que os da rocha 16 (idem) e os animais mais naturalistas da rocha 4 apresentam um terceiro tipo de traço (idem), o que implica que havendo uma relação de contemporaneidade entre os signos e um destes grupos de animais, continua a existir sempre uma diferença técnica entre ambos os tipos de motivo; 3) para além dos ramiformes e triângulos da rocha 16 se repetirem nas rochas agora estudadas em espaços parietais apenas com figuras magdalenenses, o mesmo ocorre com outros tipos de unidades dessa rocha que vão aparecer em outras superfícies apenas com grafismos magdalenenses (e.g. as mesmas variantes da chave IIIb quer em Vale de José Esteves 16, quer em Vale de Cabrões 32 [Santos, 2019, 716-721, 730-734]).

3) Os nossos trabalhos também vieram contribuir para o aumento das evidências estilísticas que relacionam o Vale de Côa com a região franco-cantábrica, e particularmente com as Astúrias, durante o Magdalenense. Se o forte paralelismo entre a cerva do painel C e figura presente em omoplata de La Güelga, datada pelo radiocarbono do Magdalenense

médio, já tinha sido destacada (Santos, 2012, 46), o macho de cabra-montês vem reforçar o número de capríneos no vale que se podem comparar com os da fase 5 de Llonín, atribuídos também ao Magdalenense médio ou superior (Rios & Castro, 2007, 90-94 e bibliografia anterior aí citada).

Também as unidades gráficas mais características das rochas estudadas durante esta campanha nos remetem mais para norte que para sul. Assim, embora os triângulos não estejam ausentes, por exemplo, da arte móvel de Parpalló, em nove peças provenientes essencialmente dos níveis atribuídos ao Solutrense médio e superior (Villaverde, 1994, 285-286) é a norte que são mais comuns. Aparecem em contextos do Solutrense Superior ou já do Magdalenense antigo, respetivamente em La Lluera II e em Chuffín (Fortea, 1990, 28) e na galeria C de La Pasiiega (Robert, 2006, 130). Ainda mais para norte ocorrem, em contextos que, se em alguns casos se poderão recuar ao Gravettense Pech Merle), são essencialmente atribuíveis ao Magdalenense, como sejam Font-de-Gaume e especialmente Les Combarelles I (Robert, 2006). De cronologias mais recentes, será de lembrar, em Burgos, os triângulos de Ojo Guareña, cujo dispositivo foi datado pelo radiocarbono (Corchón *et al.*, 1996).

Os paralelos para os arboriformes também se devem procurar a norte, devendo destacar-se a grande concentração nos Pirenéus, onde se encontram nos dispositivos magdalenenses de Fontanet, Niaux e, especialmente Marsoulas, embora também ocorram em Villars e Bernifal (Robert, 2006). Ainda nos Pirenéus será de mencionar também alguns signos gravados do Tuc d'Audoubert que seguem a estrutura básica dos arboriformes a que nos temos vindo a referir (Bégouën *et al.*, 2009, 414, n.ºs 350 e 351). Para sul, apenas foram identificados em quatro peças do Parpalló exumadas em diversos contextos magdalenenses (Villaverde, 1994, 265).

4) Como referimos também, aproveitamos a ocasião para nos debruçarmos sobre as figuras pós-paleolíticas da rocha 4. Uma destas figuras é **JE04-22**, cuja representação corresponde ao estilo genérico atribuído à Idade do Ferro na região. Apesar da sua

simplicidade, assinala-se, como particularidades, a cauda linear curta e levantada, criada pelo prolongamento da linha do dorso para além da garupa, a extensão dos membros anteriores e posteriores, a aparente ausência de orelhas, geralmente evidentes, e um preenchimento interno, com uma espécie de nervura central. Todas estas características se conjugam numa figura da rocha 19 da Bulha, mais cuidada, mais curvilínea, com um preenchimento interno sinuoso e com a representação das quatro patas.

Este tipo de preenchimento sinuoso surge nas figuras da placa do Paço, onde se incluem um cavalo e uma cerva acompanhada pelo seu cervato (Luís, 2016, 63), mas também na bainha do punhal da rocha 11 de Vale de Cabrões (Luís, 2016, 64). Mais comuns são os preenchimentos conformando distintos motivos de natureza linear reta, ocupando a totalidade do interior das figuras (casal de veados da Quinta das Tulhas 6 e cavalo do Vale do Forno 6) ou apenas uma parte, geralmente o centro do tronco (cerva da Penascosa 14 ou o possível javali do Vale de José Esteves 7) mas também as coxas (Ribeira das Furnas 1). A cerva da Penascosa 14 (Baptista & Gomes, 1997, 362-363) apresenta ainda uma nervura central, o que acontece também numa figura do painel esquerdo do setor esquerdo da rocha 19 do Vale de José Esteves e num eventual cavalo da rocha 18 do mesmo núcleo. O carácter fruste destas figuras do Vale de José Esteves, incluindo a **JE04-22**, levam-nos a questionar se as referidas linhas deverão ser interpretadas como nervuras decorativas e não antes o resultado de um desenho prévio do contorno da figura, entretanto corrigido com vista a dar mais espessura às representações.

A simplicidade da figura dificulta também a interpretação da espécie representada, uma característica comum na arte da Idade do Ferro. Diríamos que a cauda curta indicia estarmos na presença de um cervídeo, embora isso por si só não seja razão suficiente (Luís, 2016), registando-se canídeos de cauda curta (Vale da Casa 23 [Baptista, 1999, 181]) e até cavalos (Meijapão 1). Entre os veados verificam-se algumas figuras cuja cauda é representada como o prolongamento de linha do dorso, tendencialmente reta (Quinta das Tulhas 1), ou ligeiramente encurva-

da para cima (Moinhos de Cima 1), como a da rocha 4. A esta representação faltam as hastes, para uma interpretação segura como macho, mas também as salientes orelhas, para se considerar fêmea. Apenas se identifica uma linha, no prolongamento da fronto-nasal, que poderá ser identificada como orelha.

A simplicidade da figura e o nosso geral desconhecimento do faseamento da arte sidérica do Vale do Côa impede uma datação mais precisa do que a atribuída à generalidade desta fase, entre os séculos III-II e I a.C. (Luís, 2016).

A outra figura pós-paleolítica da rocha corresponde a uma cruz latina (**JE04-23**) que se integra no tipo de motivos mais comum da arte rupestre de cronologia histórica do Vale do Côa. A temática religiosa domina esta fase, desde os seus primeiros momentos documentados (1600/1601) até ao século XIX. A partir do século XX, a temática do quotidiano começa a ganhar maior importância (García Díez & Luís, 2003), embora a religiosa nunca desapareça.

As cruzes latinas mais antigas surgem associadas a áreas de moagem no rio Côa (Canada do Inferno) e seus afluentes (Vale de Moinhos), mas também já no rio Douro (“Foz do Côa”<sup>4</sup>). Pela sua localização num vale de águas temporárias poder-se-ia relacionar a cruz do Vale de José Esteves com esta atividade. Contudo, a inexistência de estruturas de picarnel atualmente conhecidas na área, bem como a técnica da incisão de linear pela qual foi executada, levam-nos a descartar essa possibilidade. A esmagadora maioria das gravuras executadas por moleiros foi realizada através de picotagem, com o recurso aos seus picos metálicos usados para reavivar as mós (García Díez & Luís 2003). Os motivos históricos rea-

<sup>4</sup> As rochas 1 a 6 da “Foz do Côa” identificadas em 1982 pela equipa que estudou o Vale da Casa (Baptista, 1983, nota 2) não se encontram na realidade na área hoje atribuída a este núcleo de arte rupestre. Se a área hoje conhecida e classificada como Núcleo de Arte Rupestre da Foz do Côa se localiza na margem esquerda do rio Côa, junto à sua foz, as rochas referidas localizam-se já se em pleno Douro, na sua margem esquerda, a jusante da foz do Côa, no final do vale da Vermelha. O facto de ainda hoje se incluírem estas rochas no núcleo da Foz do Côa (por ex. Reis, 2012, pp. 8-9) provém do facto de, na primeira vez que foram publicadas, terem sido referidas como estando localizadas “junto à foz do rio Côa” e de nunca mais terem sido observadas desde o enchimento da barragem do Pocinho.



lizados por incisão simples surgem geralmente associados a áreas de cultivo agrícola ou de pastoreio. A área do Vale de José Esteves onde se localiza a rocha 4 relaciona-se com a atividade agrícola, subsistindo muros de suporte de terras e algumas árvores de fruto em abandono.

Na cruz da rocha 4 a junção dos braços longitudinal e transversal foi realizada de forma “transparente”, uma vez que, sendo realizados sob a forma de retângulos de contorno linear, as suas linhas não se interrompem na área do cruzamento, atravessando-se. Acima da cruz e junto à sua base desenharam-se dois conjuntos de traços horizontais paralelos, surgindo ainda dois traços diagonais, que dificilmente se poderão considerar escadas, peanhas ou outros motivos geralmente associados a este tipo de motivos.

Contrastando com esta representação, a esmagadora maioria das cruzes latinas foi representada no Vale do Côa por picotagem grosseira, com os braços lineares, não contornados. Essa linearidade dos braços caracteriza mesmo algumas representações gravadas por incisão fina (por ex. Foz do Côa 137 [Baptista & Reis 2008b, fig.12]). Em contraste, assinala-se dois casos de representações picotadas que se aproximam da forma de representação do contorno linear da cruz do Vale de José Esteves. A rocha 7 da Canada do Inferno apresenta duas cruzes deste tipo datadas da década de 1780. Mais complexas na sua feitura e iconografia, em ambas se verifica igualmente a transparência no cruzamento dos braços. Solução diferente encontrou António Seixas, quando em 1952 gravou uma cruz na rocha 9B, logo ali ao lado. Neste caso, o gravador evitou o cruzamento das linhas dos braços, sobrepondo apenas as linhas do braço longitudinal sobre o transversal. Saliente-se que em ambos os casos se trata de uma picotagem fina sobre planos de xistosidade e não diáclases, o que contrasta com a esmagadora maioria da arte do Côa, incluindo a histórica.

Consideramos pois que esta particularidade do cruzamento dos braços se relaciona mais com a resolução de um problema criado pela forma de representação (contorno linear) do que uma característica estilística com implicações cronológicas. A inexistên-

cia de data no painel dificulta a sua atribuição cronológica. Contudo, excetuando a muito duvidosa data incisa de 1645 da rocha 24 da Canada do Inferno, todas as datas conhecidas gravadas por incisão simples se situam entre 1845 e 1981. Assinale-se que na rocha 2 do mesmo Vale de José Esteves se regista a data de 04-04-1966, associada a motivos mais mundanos, mas igualmente gravada por incisão linear (Baptista & Reis 2008a, fig. 30). Atribuímos significado a esta datação recente das incisões finas de tipo moderno, uma vez que, mais do que uma verdadeira gravação, elas resultam na sua maioria do contraste cromático criado pelos resíduos deixados pelo bloco utilizado no rascar da parede, ou, quando muito, numa ligeira raspagem na película sílicometálica localizada na superfície da rocha. Esta superficialidade faz com que este tipo de gravuras “oportunistas” tenham geralmente poucas condições materiais para uma sobrevivência longa no tempo.

## 6. Bibliografia

AUBRY, T. & SAMPAIO, J. D. (2012), “Novos dados para a abordagem técnica da arte rupestre e móvel do vale do Côa”, in SANCHES, M. D. J. (ed.), *1ª Mesa Redonda “Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*, Lisboa: DGPC [Trabalhos de Arqueologia, 54], pp. 185-206.

AUBRY, T.; LUÍS, L. & DIMUCCIO, L. A. (2012), “Nature vs. Culture: present-day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Côa and Douro River Valleys (Portugal)”, *Journal of Archaeological Science*, 39, pp. 848-866.

AUBRY, T.; LUÍS, L. & DIMUCCIO, L. A. (2014-2015), “Porque é que a arte do Coa se concentra na margem esquerda? Condicionantes geológicas e ambientais para a formação e conservação dos suportes artísticos do Vale do Côa”, *O Arqueólogo Português, Série V*, 4-5, pp. 133-174.

BAPTISTA, A. M. (1983), “O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)”, *Arqueologia*, 8, pp. 57-69.

BAPTISTA, A. M. (1999), *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*, Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, A. M. (2001), “The Quaternary Rock Art of the Côa Valley (Portugal)”, in ZILHÃO, J.; AUBRY, T. & CARVALHO, A. F. (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l’UISPP*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 237-252.

BAPTISTA, A. M. (2009), “O Vale do Côa no contexto da arte paleolítica europeia de ar livre”, in RIBEIRO, J. P. (ed.), *O Museu do Côa*, Lisboa: IGESPAR; CECL [Cadernos do Côa, 1], pp. 65-76.

BAPTISTA, A. M. (2012), “El arte Paleolítico en Portugal”, in RIPOLL LÓPEZ, S. (ed.), *Arte sin artistas. Una mirada al Paleolítico*, Madrid: Museo Arqueológico Regional, pp. 305-337.

BAPTISTA, A. M. & GARCÍA DIEZ, M. (2002), “L’art paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal. La symbolique dans l’organisation d’un sanctuaire de plein air», in SACCHI, D. (ed.), *L’art paléolithique à l’air libre. Le paysage modifié par l’image*, Tautavel - Campôme, 7-9 octobre 1999, Tautavel: GAEP & GÉOPRÉ, pp. 187-205.

BAPTISTA, A. M. & GOMES, M. V. (1997), “Arte rupestre”, in ZILHÃO, J. (ed.), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 211-406.

BAPTISTA, A. M. & REIS, M. (2008a), “Prospecção da arte rupestre no vale do Côa e Alto Douro português: ponto da situação em julho de 2006”, in BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo [Documentos PAHIS, 9], pp. 145-192.

BAPTISTA, A. M. & REIS, Mário (2008b), “Prospecção da arte rupestre na Foz do Côa: Da iconografia

do Paleolítico à do nosso tempo, com passagem pela II Idade do Ferro”, in SAMPAIO, J. & SANTOS A. T. (Eds.), *Pré-história: Gestos intemporais. (III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Actas das sessões; Vol. 1)*, Porto: ACDR de Freixo de Numão, pp. 62-95.

BARROSO, I. & ROSA, J. L. (1999), *O veado*, Mirandela: João Azevedo Editor [Património natural transmontano, 5].

BÉGOUËN, R.; FRITZ, C.; TOSELLO, G.; CLOTTES, J.; PASTOORS, A. & FAIST, F. (2009), *Le sanctuaire secret des bisons. Il y a 14 000 ans, dans la caverne du Tuc d'Audoubert*, Paris: Editions d'art Somogy & Association Louis Bégouën.

CID, P. S. (1999), *Hipologia — O exterior do cavalo*, Alpiarça: Garrido artes gráficas.

CORCHÓN RODRIGUEZ, M. S.; VALLADAS, H.; BÉCARRES PÉREZ, J.; ARNOLD, M.; TISNÉRAT-LABORDE, N. & CACHIER, H. (1996), “Datación de las pinturas y revisión del arte paleolítico de cueva Palomera (Ojo Guareña, Burgos, España)”, *Zephyrus*, 49, pp. 37-60.

COSTA, J. C.; AGUIAR, C.; CAPELO, J. H.; LOUSÃ, M. & NETO, C. (1998), “Biogeografia de Portugal”, *Quercetea*, 0, pp. 5-56.

FORTEA PÉREZ, J. (1990), “Cuevas de La Lluera. Informe sobre los trabajos referentes a sus artes parietales”, in *Excavaciones arqueológicas en Asturias 1983-1986*, Oviedo: Servicio de Publicaciones del Principado de Asturias, pp. 19-28.

GARCÍA DÍEZ, M. & LUÍS, L. (2003), “José Alcino Tomé e o último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia”, *Estudos Pré-Históricos*, 10-11, pp. 199-223.

ICVGAN (2012), *Nomina Anatomica Veterinaria. Fifth edition (revised version)*, Hannover; Columbia; Ghent; Sapporo: Editorial Committee of the ICGAN.



- LEROI-GOURHAN, A. (1984), “Del soporte al abordamiento de la perspectiva en el arte paleolítico. Curso académico 1972-73”, in LEROI-GOURHAN, A. (ed.), *Arte y grafismo en la Europa prehistórica*, Madrid: Editorial Istmo [Artes, técnicas, humanidades, 4], pp. 122-143.
- LUÍS, L. (2008), “Em busca dos cavaleiros com cabeça de pássaro. Perspectivas de investigação da Proto-história no Vale do Côa”, in BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Arte prehistórica al aire libre en el Sur de Europa*, Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo [Documentos PAHIS, 9], pp. 415-438.
- LUÍS, L. (2009), ““Per petras et per signos”: A arte rupestre do Vale do Côa enquanto construtora do espaço na Proto-história”, in SANABRIA MARCOS, P. J. (ed.), *Lusitanos y vettones: Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira baixa — Alto Alentejo*, Cáceres: Junta de Extremadura/ Museo de Cáceres [Memorias, 9], pp. 213-240.
- LUÍS, L. (2012), “Desenhos animados! Uma gramática do movimento para a arte paleolítica do vale do Côa”, in SANCHES, M. D. J. (ed.), *1ª Mesa Redonda “Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*, Lisboa: DGPC [Trabalhos de Arqueologia, 54], pp. 69-80.
- LUÍS, L. (2016), “As gravuras da Idade do Ferro no Vale do Côa”, *Vaccea. Anuario 2015*, 9, pp. 60-70.
- REBANDA, N. (1995a), *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*, Lisboa: IPPAR.
- REBANDA, N. (1995b), “Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre”, *Boletim da Universidade do Porto*, 5, pp. 11-16.
- REIS, M. (2011), “Prospecção da arte rupestre do Côa: Ponto da situação em Maio de 2009”, in RODRIGUES, M. A.; LIMA, A. C. & SANTOS, A. T. (eds.), *Actas do V Congresso de Arqueologia — Interior Norte e Centro de Portugal*, Porto: DRCN, pp. 11-123.
- REIS, M. (2012), “Mil rochas e tal...!»: Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa”, *Portugália*, 33: p. 5-72.
- REIS, M. (2013), ““Mil rochas e tal...!»: Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa (2.ª parte)”, *Portvgalia*, Nova Série, 34, pp. 5-68.
- RIBEIRO, M. L. (2001), *Notícia explicativa. Carta geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*, Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RÍOS GONZÁLEZ, S. & CASTRO VALDÉS, C. G. (2007), “Estaciones del Oriente de Asturias con arte rupestre”, in RÍOS GONZÁLEZ, S.; CASTRO VALDÉS, C. G.; RASILLA VIVES, M. D. L. & FORTEA PÉREZ, J. (eds.), *Arte rupestre prehistórico del Oriente de Asturias*, Oviedo: Ediciones Nobel, pp. 45-201.
- ROBERT, É. (2006), *Les signes et leurs supports pariétaux. Analyse comparée des rapports entre les représentations abstraites et les reliefs naturels dans les grottes ornées du Paléolithique supérieur au sein de l'espace franco-cantabrique*, Paris: Université Paris 1 Panthéon Sorbonne (Tese de Doutoramento, disponível em <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01702797>).
- SANTOS, A. T. (2012), “Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito de uma persistente dicotomia conceptual”, in SANCHES, M. D. J. (ed.), *1ª Mesa Redonda “Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*, Lisboa: DGPC [Trabalhos de Arqueologia, 54], pp. 39-67.
- SANTOS, A. T. (2015), “Em torno da arte paleolítica do Vale do Côa”, in SANZ MÍNGUEZ, C. (ed.), *El Bestiario vacceo. Vaccearte. 8ª exposición de arte contemporáneo de inspiración vaccea*, Valladolid: Ayuntamiento de Valladolid, pp. 18-26.
- SANTOS, A. T. (2017), *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma*

visão de conjunto, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Tese de Doutoramento, disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/109327>).

SANTOS, A. T. (2019), *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses [Monografias AAP, 9].

SANTOS, A. T.; AUBRY, T. & WALTER, B. (2014), «Le cerf dans l'art rupestre de la vallée du Côa», *Grande Faune. Chasse Gestion*, 143, pp. 41-48.

SANTOS, A. T.; BARBOSA, A. F.; AUBRY, T.; GARCÍA DÍEZ, M. & SAMPAIO, J. D. (2018), "O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa)", *Portvgalia*, 39, pp. 5-96.

SAUVET, G.; SAUVET, S. & WLODARCZYK, A. (1977), «Essai de sémiologie préhistorique (Pour une théorie des premiers signes graphiques de l'homme)», *Bulletin de la Société Préhistorique Française. Études et travaux*, 74(2), pp. 545-558.

SERRA, J. L. (1979), *Anatomia, fisiologia e exterior dos animais domésticos*, Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco [Coleção Agros, 7].

VILLADERDE BONILLA, V. (1994), *Arte paleolítico de la Cova del Parpalló. Estudio de la colección de plaquetas y cantos con grabados y pinturas*, Valencia: Servei d'Investigació Prehistòrica.